

Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES)
Curso de Psicologia

**Comunicação digital: influência nas relações parentais - enfoque na comunicação entre
adolescentes e seus cuidadores principais**

Marta Cristina Ferreira da Silva - RA 21652925

Junho/2022

Comunicação digital: influência nas relações parentais - enfoque na comunicação entre adolescentes e seus cuidadores principais

Marta Cristina Ferreira da Silva – RA 21652925

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, do Centro Universitário de Brasília como requisito para a aprovação no curso de Bacharelado em Psicologia. Professora-Orientadora: Ma. Izabella Rodrigues Melo

Brasília

Junho/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora Ma. Izabella Rodrigues Melo

Prof. Examinador

Prof. Examinador

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me dado o amparo necessário para que eu chegasse até aqui. Encontrei alguns obstáculos no percurso desta segunda graduação, consegui avançar, mas um deles ainda está no meu caminho, a saudade daquele que repentinamente se foi na reta final do curso. Dedico este trabalho àquele que dizia ser o meu fã número um, meu amado pai Otávio F. da Silva (in memoriam), eu não desisti, segui e vencemos. À minha mãe, declaro toda admiração, desde sempre caminha ao meu lado, minha rainha, Maria de Jesus Pereira. Mulher de fibra, pequena somente em estatura. Mulher que me faz forte e muito me inspira, fez de mim uma sonhadora, minha mãe.

À amada Amanda Cristina, minha filha, que com seu olhar cheio de expectativa e admiração me deu energia para iniciar essa jornada de cinco anos. Ao meu marido Jurailton, eu agradeço por ter sido parceiro nessa empreitada, conduziu os afazeres e rotina da família com maestria, esforçando-se para me deixar confortável durante o período de estudos, seu apoio foi de total importância. Aos meus irmãos e sobrinhos, só posso agradecer à compreensão pelos momentos de ausência. A presença de bons e fiéis amigos na minha vida, me fez mais forte e segura. Me arriscarei em citar alguns nomes, Andréia Oki, Emerson, Gláuber, Patrícia e Tássia, a vocês o meu muito obrigada!

Não posso negar a satisfação que sinto por ter encarado a realização desse sonho de me tornar uma profissional da psicologia, mesmo sabendo das dificuldades que poderia enfrentar. Estudar, trabalhar, dedicar-se à família, amigos e a mim mesma, não foi algo simples. Mas o desejo de me capacitar para acolher o outro por meio da escuta qualificada e humana me fez potente para conseguir seguir.

Quanto aprendizado! Quanto crescimento! Àquela Marta que se matriculou, definitivamente não é a mesma que finaliza este processo. A psicologia e suas nuances, transforma realidades. Para tanto, eu pude contar com grandes mestres que contribuíram com

o meu desenvolvimento, mas alguns nomes marcaram, cada um por razões especiais e distintas, agradeço imensamente a sensibilidade e a contribuição de cada um para o meu amadurecimento acadêmico e pessoal, vocês acreditaram em mim e eu muito mais em vocês.

Em especial, agradeço à professora Sandra Eni, que acolheu o meu projeto de monografia e na impossibilidade de continuar, indicou essa orientadora tão completa. à Mestra Izabella Melo, o meu agradecimento por ter me lapidado com esmero e empatia. Izabella Melo me ensinou que é possível cuidar do indivíduo a partir de suas relações.

Acredito no poder da influência da família no desenvolvimento de cada indivíduo, e duas brilhantes profissionais da psicologia me inspiraram e me fizeram apaixonada pela psicologia sistêmica, Izabella Melo e Simone Cerqueira. Ambas me ensinaram que para transformar o macro, é preciso que atuemos nas bases, nos microssistemas, em especial no sistema familiar.

RESUMO

Um dos fenômenos sociais contemporâneos que têm alterado a comunicação e relações interpessoais nas últimas décadas é a presença das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC's). O uso da internet é predominantemente voltado para a comunicação interpessoal, seja com familiares, amigos ou colegas de trabalho, sendo as redes sociais compreendidas como mediadoras nas relações, principalmente para o público adolescente. Este trabalho evidencia a fase da família adolescentes no ciclo vital familiar e teve como objetivo, compreender a influência da comunicação digital nas relações entre os adolescentes e seus cuidadores principais. A metodologia utilizada foi a qualitativa exploratória, a amostra foi composta por quatro participantes, sendo dois adolescentes e suas respectivas mães. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas e analisadas à luz do modelo de Análise de Conteúdo proposto por Laurence Bardin. Os resultados deste estudo mostram que adolescentes e mães apresentam o tempo de conexão em redes sociais similar entre eles. Percebem que a comunicação digital influencia no distanciamento entre eles ao mesmo tempo que os aproxima. O impacto da comunicação digital na transmissão de valores e no quesito segurança é percebido como negativo por parte das mães. Considerando que a presença das tecnologias de informação e comunicação digital é uma realidade e que influencia de forma positiva e negativa o sistema familiar, se faz necessário que profissionais da psicologia e demais profissionais da saúde e educação atualizem-se às novas formas de comunicação e relações interpessoais estabelecidas no sistema familiar.

Palavras- chave: Comunicação Digital, Relações Parentais, Adolescente, Ciclo Vital Familiar

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Cetic Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

CFP Conselho Federal de Psicologia

OMS Organização Mundial da Saúde

ONU Organização das Nações Unidas

PNAD Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sobre Tecnologia da Comunicação e da Informação

TDIC Tecnologia Digital da Informação e Comunicação

UC Unidade de Contexto

UR Unidade de Registro

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 9 |
| Objetivos de Pesquisa | 13 |
| Objetivo Geral | 13 |
| Objetivos Secundários | 13 |
| Fundamentação Teórica | 14 |
| Adolescência | 14 |
| Marco cronológico | 14 |
| Visão da neurociência | 15 |
| Perspectiva sistêmica | 17 |
| Abordagem bioecológica do desenvolvimento humano | 21 |
| Processo | 22 |
| Pessoa | 22 |
| Contexto | 23 |
| Tempo | 25 |
| Sistema Familiar | 26 |
| Ciclo vital familiar e suas mudanças | 26 |
| Fase de aquisição | 27 |
| Fase madura | 29 |
| Fase última | 29 |
| Comunicação no sistema familiar adolescente | 29 |
| Comunicação Digital | 30 |
| Mídia digital como mediador comunicacional | 30 |
| Método | 34 |
| Participantes | 34 |
| TABELA 1. Identificação/referenciação dos participantes | 34 |
| Instrumentos | 35 |
| Procedimento | 36 |
| Riscos e Benefícios | 38 |
| Análise de Conteúdo | 38 |
| Pré-Análise | 39 |
| Exploração do Material | 40 |
| Codificação ou Unitarização | 40 |
| Categorização | 42 |
| Resultado da Análise de Conteúdo | 43 |
| Tabela 2. Categorização/Frequência | 44 |
| Mediador da Comunicação | 44 |

| | |
|--|-----------|
| Discussão | 45 |
| Mediadores da Comunicação | 45 |
| Tempo de conexão | 52 |
| Distanciamento | 54 |
| Insegurança | 58 |
| Influência da comunicação digital nas práticas educativas parentais | 66 |
| Mapeamento dos possíveis aspectos positivos e negativos da comunicação digital na relação parental | 71 |
| Considerações Finais | 75 |
| Referências Bibliográficas | 77 |
| Apêndices | 84 |
| Anexo 1 | 84 |
| Roteiro de Entrevista semiestruturada | 84 |
| Anexo 2 | 86 |
| Categorias/Unidade de Registro - UR | 86 |

Introdução

A comunicação digital é um tema presente nos diversos sistemas sociais. No que se refere à internet, o cenário brasileiro evidencia uma crescente significativa nos números de usuários. Até o último semestre de 2019 o número de usuários da internet era de, aproximadamente, 134 milhões de pessoas; já na coleta realizada entre outubro de 2020 e maio de 2021 o número de usuários passou para 152 milhões com idade acima de 10 anos. Desse número, em média, 140 milhões utilizam a internet para se manter conectado em pelo menos uma rede social (Cetic, 2020;2021). O aumento foi significativo em todas as regiões brasileiras, principalmente nas áreas rurais, com progressão de 53% do ano de 2019 para 70% em 2020, o que classifica o Brasil como um dos três maiores provedores de serviços de telecomunicações no mundo (ONU, 2019; Cetic, 2020;2021).

Um dos fenômenos sociais contemporâneos que têm alterado as configurações das sociedades nas últimas décadas é a presença das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), mediando o conhecimento e a comunicação. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sobre Tecnologia da Comunicação e da Informação (PNAD, 2020), traz em seus resultados que o uso da internet é predominantemente voltado para a comunicação interpessoal, seja com familiares, amigos ou colegas de trabalho, sendo as redes sociais compreendidas como mediadoras nos relacionamentos interpessoais na contemporaneidade, tendo os adolescentes como os que mais utilizam para esta finalidade (PNAD, 2020, *Cetic.br*, 2020;2021).

Essa crescente pode ter relação direta com as limitações impostas pela pandemia de COVID-19, que arbitrou o distanciamento social como medida protetiva contra a infecção e propagação do vírus, desde março de 2020. Conseqüentemente, a maior parte das atividades essenciais do País migrou para o sistema de comunicação digital. As TDIC's que já vinham em ascendência no debate público, agora encontram maior evidência e reconhecimento como

uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da sociedade contemporânea (PNAD, 2020, OMS, 2020, TIC Kids, 2020;2021, Cetic, 2020;2021).

Desse modo, as TDIC's impactam direta e indiretamente nos diversos sistemas sociais, como por exemplo, o sistema familiar. E é sobre a influência da comunicação digital nesse sistema que o presente trabalho de conclusão tratará. Para tanto, a autora deste trabalho fará um recorte para um dos períodos do ciclo vital familiar, que é a fase do desenvolvimento familiar denominada Família Adolescente. A teoria do ciclo vital familiar e a abordagem bioecológica do desenvolvimento humano, perspectivas sistêmicas, compreendem a família como sendo um dos espaços mais importantes de aprendizado para que adolescentes percebam o mundo e se sintam pertencentes a ele. Isso porque, é esperado que no sistema familiar as crianças e adolescentes estabeleçam primariamente suas relações interpessoais, sendo portanto, esse sistema responsável por inserir culturalmente os seus membros na sociedade. Espera-se que seja esse um contexto seguro, para que as pessoas experimentem as mudanças e se desenvolvam, também, para a interação com os sistemas extrafamiliares (Bronfenbrenner, 1996, 2005; Mendes & Bucher, 2020).

É desejável que a família faça a mediação entre a pessoa e o contexto em que está inserida, ocorre que nas últimas décadas as relações têm sido mediadas pela comunicação digital. À luz da perspectiva sistêmica, as relações entre pessoas e sistemas têm caráter recursivo, pessoas e sistemas influenciando e sendo influenciados, simultaneamente. Assim sendo, se faz necessário que profissionais da psicologia e demais profissionais da saúde e educação atualizem-se às novas formas de comunicação e relações interpessoais estabelecidas no sistema familiar (Mühlen & Câmara, 2021).

De acordo com estudiosos do tema família no ciclo da vida, as mudanças experienciadas pelo adolescente também são vivenciadas por sua família, mas de modo distinto (Lordello, 2019, Mühlen & Câmara, 2021, Macedo, 2013). O grande desafio para a

psicologia é compreender e acolher as diferentes trajetórias desenvolvimentais, comumente, trazidas e recebidas no contexto clínico da psicologia, como sendo negativas para as relações interpessoais no sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995 e Habigzang et al., 2014).

Compreendê-los a partir dessa perspectiva pode favorecer uma melhor compreensão dos sistemas e subsistemas familiares, subsidiando a psicologia, também, em intervenções no contexto clínico (Minayo et al., 2009). A partir desse raciocínio, a autora da presente pesquisa vê a necessidade de se inteirar do contexto atual em que o adolescente está imerso para, então, entrar em contato com sua individualidade relacionada ao seu sistema familiar, na prática clínica.

A fim de situar o leitor, no desenvolvimento da presente pesquisa, os pais (pai e mãe) serão referenciados, por vezes, como cuidadores principais com o intuito de abranger as diversas configurações familiares da contemporaneidade. Diversos núcleos familiares são constituídos por avós, tios e outras referências que exercem os papéis socialmente compreendidos como sendo dos pais. Desse modo, a expressão cuidadores principais privilegia aqueles(as) que lidam diretamente com o adolescente em seu estágio desenvolvimental (Macedo, 2013).

Ainda, também convencionou-se que dentro da abrangência das TDIC's, far-se-á um recorte conceitual da comunicação digital mediada pelo uso dos sites de redes sociais. Com isso, o leitor ao se deparar com a expressão comunicação digital ou TDIC, considere que esta autora estará se referindo ao uso de sites e plataformas de redes sociais como Whatsapp, Facebook, Instagram e outras plataformas com funções similares, acessados predominantemente pelos aparelhos *Smartphones*.

Neste sentido, uma das motivações da realização deste trabalho de conclusão de curso, foi a relação terapêutica estabelecida entre esta autora, adolescentes e seus cuidadores principais. Essa relação terapêutica se deu no período de estágio obrigatório da graduação,

que foi realizado em uma instituição de acolhimento e desenvolvimento biopsicossocial destinado a adolescentes vítimas de violências sexuais, bem como, adolescentes atendidos pelo serviço de psicologia clínica junto ao Centro de Formação (CENFOR/UniCEUB).

O trabalho realizado com adolescentes e seus familiares, evidenciou a importância do disposto no item III dos princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do Psicólogo, “*O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.*” Resolução CFP nº 10/2005 (CFP, 2005).

Diante do exposto, o presente trabalho de conclusão de curso tem como pretensão compreender a influência da comunicação digital na relação parental entre os adolescentes e seus cuidadores principais. Pretende-se compreender a dinâmica comunicacional entre esses sujeitos com a finalidade de melhor subsidiar a prática clínica da psicologia sistêmica, bem como as diversas áreas de cuidados humanos. Uma vez que o sistema familiar, a sociedade como um sistema maior e seus indivíduos mantêm historicamente uma relação de interdependência, a pesquisa poderá contribuir com a promoção da saúde e bem-estar dos sistemas sociais como um todo (Habigzang et al., 2014).

Objetivos de Pesquisa

Objetivo Geral

- Compreender a influência da comunicação digital no relacionamento entre os adolescentes e seus cuidadores principais

Objetivos Secundários

- Mapear possíveis aspectos positivos e negativos da comunicação digital para o estabelecimento de uma comunicação saudável entre adolescentes e cuidadores pesquisados.

Fundamentação Teórica

Adolescência

A adolescência é comumente associada a rótulos, como por exemplo, o termo aborrecência. Superar essa compreensão é uma das propostas da psicologia contemporânea (Steinberg, 2015 e Bock, 2010). Analisada por diversas perspectivas teóricas, adolescência e sua experiência no sistema familiar é concebida como conflituosa. É comum que as visões de diferentes autores da psicologia sejam coincidentes, se comuniquem e se complementam ao tentar traçar um perfil para esse estágio do desenvolvimento humano.

Nesta seção encontram-se dispostos conceitos da adolescência sob óticas e pressupostos científicos distintos, como uma breve visão da neurociência, abordada pelo pesquisador Steinberg (2015) e pela ótica da psicologia sistêmica apoiada por seu pressuposto da teoria geral do sistema, por meio de diversos autores, como Carter e McGoldrick (1995), Fiorini e Guisso (2016), Preto (1995), Bronfenbrenner (1996, 2005), Lordello (2019), Minuchin et al. (2009), Osório (2009) entre outras referências. A perspectiva sistêmica será a abordagem teórica que dará suporte à construção do presente trabalho de conclusão da graduação.

Marco cronológico

Não há um consenso quanto aos limites cronológicos que definem a faixa etária da adolescente, com parâmetros etários variando entre 10 e 24 anos. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência se situa entre 12 e 18 anos; para a OMS, a adolescência está no limite de idade entre os 10 e 19 anos e, segundo a ONU, entre os 15 e 24 anos de idade (ECA, 1990; OMS, 2020; ONU, 2020). A psicologia do desenvolvimento atribui tal imprecisão quanto ao marco cronológico da fase da adolescência à assincronia de maturação dos indivíduos (Eisenstein, 2005).

A idade cronológica que situa a adolescência depende da cultura e nacionalidade, esta é uma fase caracterizada, além pelas mudanças biológicas próprias da puberdade, também por ser um momento da busca por autonomia e de mudanças aceleradas, vivenciadas de modo intenso (Papalia, 2013). Portanto, não se identifica a adolescência e nenhuma outra fase do desenvolvimento humano por demarcação cronológica rígida; a idade possibilita uma demarcação aproximada de cada fase. O que se compreende é que o estágio final da adolescência é um marco de transição no desenvolvimento psicossocial, da adolescência à adultez (Zappe & Dell'Aglio, 2016).

Visão da neurociência

Por não ser este o escopo no presente trabalho, o aspecto neurocientífico do desenvolvimento humano será abordado de modo superficial, apenas para complementar a compreensão do estágio da adolescência no ciclo vital do desenvolvimento humano, proporcionando uma visão sistêmica à construção deste trabalho.

Neurocientistas que realizam estudos sobre o desenvolvimento cerebral na adolescência, Jensen e Nutt (2016) e Steinberg (2015), constataram que até pouco tempo, duas décadas, aproximadamente, acreditava-se que o cérebro humano alcançava sua maturidade ao final da primeira infância e que o cérebro adolescente seria similar ao do adulto, pouco se estudava sobre o desenvolvimento cerebral adolescente. A partir disso, surgem crenças sociais, de que a adolescência é um período marcado por conflitos relacionais entre pais e filhos, devido aos picos hormonais relacionados à puberdade, acarretando em impulsividade e rebeldia. Fato é que questões hormonais são apenas um dos fatores que explicam esses aspectos.

O desenvolvimento cerebral é um dos responsáveis por esses acontecimentos que estigmatizam a adolescência como um período conflituoso da vida humana, e que esses estigmas podem gerar dificuldades aos pais, educadores e profissionais da saúde nas relações

com o jovem adolescente. Portanto, conhecer o funcionamento cerebral desta fase pode ser um fator facilitador para sistemas envolvidos com essa fase do desenvolvimento (Jensen & Nutt, 2016).

Constata-se, portanto, que o cérebro se constitui não como um todo mas em partes que vão se conectando entre si lentamente, em processo que leva anos, em um movimento crescente que vai da parte posterior para a frontal do cérebro. São essas as últimas partes do cérebro a se formar, córtex frontal e pré-frontal. A forma como o cérebro está conectado na adolescência, ainda não lhe permite um nível sofisticado de controle cognitivo, o que pode explicar o comportamento impulsivo e de risco, característicos dessa fase do desenvolvimento humano (Jensen & Nutt, 2016).

A maturação cerebral ocorre somente em meados da segunda década do ciclo vital do desenvolvimento humano, entre os 20 e 25 anos de idade. Ressalta-se que não se atribui, unicamente, aos fatores neuronais os comportamentos na fase adolescência, mas conhecer o desenvolvimento cerebral tem o intento de orientar quanto a influência da biologia no contexto psicossocial (Steinberg, 2015 e Jensen & Nutt, 2016)

Desse modo, compreender o desenvolvimento cerebral é um facilitador à compreensão de alguns aspectos do desenvolvimento humano, especificamente na fase da adolescência que é marcada pelo ápice do processo de maturação neuronal. É nesse estágio do desenvolvimento que o cérebro se desenvolve de modo expressivo, sendo esse o período da vida em que o cérebro produz um grande número de células a uma taxa muito rápida, em um número considerado pela neurociência, bem maior do que o necessário. Assim, essas células cerebrais extras conferem aos adolescentes maior capacidade de armazenamento de informações, o que explica o entendimento de que a adolescência seja a fase de maior fundamenta seu apelo a partir das bases científicas de que a adolescência é a segunda e última

fase de maior plasticidade cerebral, no ciclo vital humano, contribuindo, portanto, para o aprendizado de novas habilidades (Steinberg, 2015 e Jensen & Nutt, 2016).

Alinhado a este conhecimento, o neurocientista Steinberg (2015) convoca profissionais e cuidadores que lidam com este período do desenvolvimento humano a compreenderem a adolescência sob uma perspectiva mais construtiva, de oportunidades e potencialidades e menos estereotipada. Segundo o autor, deve-se ter foco nas potencialidades para o desenvolvimento das capacidades socioemocionais do adolescente, conhecer as mudanças ocorridas nesse período possibilita aos pais e/ou cuidadores e profissionais em geral a apoiar esse sujeito adolescente a vivenciar essa transição de modo minimamente seguro e saudável (Steinberg, 2015).

Dependendo do ambiente em que o adolescente se desenvolve, essa plasticidade do cérebro pode ser fator de risco ou de oportunidade. Nesse sentido, o trabalho psicoterápico sistêmico e a psicologia como um todo tem papel de grande relevância ao trabalhar com as potencialidades dos adolescentes. Para tanto, é necessário que antes, se aproxime deste sujeito compreendendo suas relações e os fatores sociais aos quais são expostos. Considerando, portanto, o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional, social e moral deste indivíduo, de modo que seja viabilizado manejo clínico com atenção biopsicossocial e não meramente acolhendo-o como estando em uma fase de sobrevivência passageira (Steinberg, 2015; Lordello, 2019).

Perspectiva sistêmica

Muitas são as tentativas de classificar a adolescência como período do desenvolvimento humano, muitos significados são atribuídos a este momento da vida do indivíduo nos mais variados contextos, inclusive pelo próprio sujeito adolescente, que acaba por introjetar esses rótulos. Fato é que, apesar da singularidade e da subjetividade humana, há similaridades entre as pessoas que vivenciam a adolescência e tais pontos em comum servem

à comunidade científica, para nortear seus estudos na busca de compreensão dos fenômenos característicos desse período e não para o enquadre de comportamentos determinantes do período em questão (Carter & McGoldrick, 1995).

A psicologia de perspectiva sistêmica compreende a família como um sistema que possui características de recursividade nas relações e que, ao assumirem papéis sociais distintos uns dos outros, ditam um novo ritmo familiar (Mühlen & Câmara, 2021).

O sistema familiar é compreendido não pela soma de seus membros, mas pelos aspectos que surgem do todo complexo, é estruturado em subsistemas delimitados por fronteiras (Nichols, & Schwartz, 2007). Similar ao corpo humano cujo suas partes (órgãos), são delimitadas por membranas celulares, não totalmente impermeáveis, que permitem de forma seletiva a troca de algumas substâncias entre os órgãos e bloqueia a invasão de substâncias não desejáveis, também ocorre com o sistema familiar. Este sistema é constituído por microsistemas delimitados por fronteiras e qualquer ruptura ou bloqueio por rigidez dessa estrutura fronteira poderá ocasionar alterações que poderão comprometer o funcionamento saudável do todo (Moreira, 2014).

As fronteiras interpessoais funcionam como uma espécie de barreira invisível que delimita e define o contato interpessoal, definindo os subsistemas, por exemplo, conjugais, parentais, fraternais de modo que, dependendo das características das fronteiras terão seu funcionamento alterado e o produto das relações podem ser funcionais ou não àquele subsistema interferindo diretamente no desenvolvimento do sistema familiar como um todo (Nichols & Schwartz, 2007).

A família como um sistema aberto que é, mantém intercâmbio com sistemas e subsistemas outros. Portanto, acatar a visão determinista de que a fase adolescência por si só é um período de conflitos e imputar ao sujeito adolescente a responsabilidade pelas dificuldades outras do sistema familiar, é considerar um organismo vivo retalhado, o que para

a psicologia sistêmica não faz sentido. As mudanças e emergências de tensões ao longo do processo desenvolvimental da *família adolescente* devem ser compreendidas como um período de autorregulação, não somente para o adolescente, mas também de seus cuidadores principais e demais filhos, quando for o caso (Lordello, 2019).

Colocações registradas em distintos estudos como os realizados por Macedo (2013), Habigzang, Diniz e Koller (2014) e Lordello (2019) convergem no que se refere ao funcionamento dos sistemas familiares. Gerações acomodam-se nas transições do ciclo de vida de modo simultâneo, apesar das diferentes influências, perspectivas e momentos. No desenvolvimento do ciclo vital, à medida que uma geração está adentrando ao estágio da velhice, uma outra já está experienciando a fase do ninho vazio, enquanto a terceira geração está se estabelecendo numa estrutura social em direção à formação da quarta geração e esse ciclo vai acontecendo para cada indivíduo do sistema familiar, simultaneamente. (Habigzang et al., 2014).

Nessa perspectiva, cuidadores vivenciam mudanças distintas das vivenciadas por seus filhos adolescentes. Segundo Carter e McGoldrick (1995) e Habigzang et al. (2014), enquanto os primeiros podem estar vivenciando insatisfação com o trabalho, dificuldades financeiras ou insatisfação conjugal, simultaneamente, o adolescente pode ter outras experiências como, mudanças na escola, necessidade de autonomia, mudanças nas relações de amizade ou de namoro, dentre outras. O grande desafio para a psicologia é compreender e acolher as diferentes trajetórias desenvolvimentais, comumente, trazidas e recebidas no contexto clínico da psicologia como sendo negativas para as relações interpessoais no sistema familiar.

A teoria familiar sistêmica é considerada como sendo um robusto aporte, tanto teórico quanto metodológico, para a pesquisa e compreensão das interações humanas. Logo, o presente trabalho se apoia nessa perspectiva para articular as ideias e conhecimentos sobre o

adolescente e sua relação com as figuras parentais, sob a influência das ferramentas tecnológicas de interação digital (Fiorini & Guisso, 2016).

Assim, compreende-se que grande parte das mudanças ocorridas nesse período do desenvolvimento transita pela dimensão relacional. Não desconsiderando o entendimento das alterações biológicas e as outras muitas situações inaugurais vivenciadas pelo indivíduo na adolescência, como por exemplo, a menarca no caso das meninas ou semenarca no caso dos meninos, mudança de voz, surgimento de pelos pubianos e outras alterações físicas. No que se refere às mudanças na dimensão relacional, umas das primeiras relações modificadas são as relações parentais desse adolescente, por serem essas as relações primárias do indivíduo (Carter & McGoldrick, 1995).

Esta concepção se fundamenta por meio da perspectiva de que o ciclo de vida do indivíduo acontece no ciclo vital familiar, que é o primeiro contexto de desenvolvimento humano. A família é concebida como um sistema que se desenvolve através do tempo, de modo que em cada estágio do ciclo vital há um complexo de papéis que cada membro exerce em relação ao outro. Inicialmente, passa pelos relacionamentos com os pais/cuidadores e se desenvolve para relações com outros membros da família, conforme se avança no ciclo de vida (Mirabella, 2013; Carter & McGoldrick, 1995).

Portanto, compreender a adolescência vai além de caracterizá-la como sendo uma fase de mudanças significativas, mas também e principalmente compreender como sendo um estágio do desenvolvimento marcado pela busca intensa do que é novo e pelo amplo cenário de possibilidades, que dependendo dos diferentes contextos socioculturais, serão oportunidades e explorações diferentes (Lordello, 2019; Senna & Dessen, 2012).

Diante disso, entende-se ser importante focar nas inter-relações ao buscar a compreensão desse período do desenvolvimento humano, não necessariamente com a preconcepção de que este seja um período de conflitos entre gerações, mas como um período

de ajustamento, de diferentes indivíduos (adultos e adolescentes) aos mesmos fenômenos sociais, cada um experienciando os processos culturais de formas distintas (Senna & Dessen, 2012).

Um dos princípios da teoria geral do sistema ressalta que o foco dos estudos, bem como das intervenções no contexto familiar, deve estar nas relações e padrões de funcionamento daquele sistema, sem negligenciar a individualidade do sujeito. Estudar o adolescente em suas relações primárias e não isoladamente não nega sua individualidade, mas pode evidenciar como a sua vivência altera seu sistema familiar e como ele é afetado por esse sistema. Este fenômeno é um dos princípios da teoria sistêmica que é o princípio da influência recíproca (Fiorini & Guisso, 2016, Minayo, Deslandes & Gomes, 2009).

A partir desse raciocínio, a autora do presente trabalho vê a necessidade de se inteirar do contexto atual do sistema familiar com indivíduos que estejam experienciando o período da adolescência no ciclo do desenvolvimento humano, de modo a promover a construção de conhecimento que subsidie a atuação clínica desta autora, acessando adolescentes e seus cuidadores em sua singularidade, considerando suas interações relacionais de modo atualizado, considerando os fenômenos sociais contemporâneos.

Logo, importante é se aproximar do adolescente e seus pais/cuidadores, localizando-os em seu sistema primário, considerando o que preconiza a visão sistêmica do humano pela abordagem bioecológica do desenvolvimento humano. A teoria entende a família como sendo um exemplo de sistema que opera com seus microssistemas, sendo esse contexto responsável por inserir culturalmente os seus membros na sociedade. Espera-se que seja uma inserção saudável (Bronfenbrenner, 1996, 2005).

Abordagem bioecológica do desenvolvimento humano

Compreender o indivíduo em perspectiva sistêmica, requer que o façamos em relação. Com o sujeito adolescente não é diferente, sujeito complexo e multideterminado,

com seus muitos valores e necessidades com vistas ao alcance do seu bem estar físico, psicoemocional e social, que afeta e é afetado por suas interações em seu ambiente imediato e nos de dimensão macro. A abordagem bioecológica do desenvolvimento humano (ABDH) de Bronfenbrenner (1996, 2005), propõe que o desenvolvimento humano deve ser compreendido de modo a considerar quatro dimensões que se integram, são elas: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (Alcântara Mendes, Lordello & Ormerod, 2020).

Processo

O Processo aparece na teoria como sendo principal fonte do desenvolvimento, está relacionado às interações com os objetos, pessoas e símbolos presente no ambiente imediato do sujeito, a medida que o adolescente, por exemplo, se engaja em determinada atividade de forma regular, por períodos estendidos e progressivamente mais complexa, ele se desenvolve, ele aprende alguma atividade específica. À medida que mantém reciprocidades nas interações e que essas sejam mediadas por símbolos e objetos que aguce sua curiosidade, constitui-se aí o aprendizado e conseqüentemente o desenvolvimento humano (Bronfenbrenner (1996, 2005).

A partir desse entendimento, é evidente a relevância de ao tentar compreender um indivíduo na clínica de psicologia, por exemplo, que seja considerando-o em sua dimensão processual. Compreendendo como ocorre o seu processo de desenvolvimento, pois dependendo das características pessoais do indivíduo, do contexto em que ele interage e do período sócio histórico em que se situa, os resultados ou efeitos dos processos podem ser disfuncionais ou não, impactando diretamente no seu desenvolvimento e alterando suas relações nos sistemas em que transita (Bronfenbrenner, 2005, Alcântara Mendes et al., 2020).

Pessoa

A dimensão da “Pessoa” concebe o sujeito como um ser em desenvolvimento que traz consigo suas características biopsicológicas, sejam características herdadas

geneticamente ou as construídas por meio de sua interação com o meio ambiente. Esta é uma visão que ressalta o papel ativo e de protagonismo do sujeito em seu desenvolvimento, independentemente da idade ou do momento em que se encontre no ciclo de vida (Bronfenbrenner, 2005).

Para exemplificar essas duas dimensões, Processo e Pessoa, pode-se pensar que em um sistema familiar com pai, mãe e dois filhos em idades distintas, por exemplo, mesmo que os pais tentem transmitir os mesmos valores, as mesmas crenças, as mesmas regras, cada um dos filhos experienciarão e as compreenderão de maneira distinta. Isso porque, vai depender da forma que se dará o processo, ou seja, como será o contato individual com essa transmissão de valores ou ensinamentos e ainda, dependerá das características de cada um desses filhos, das características dos pais, de modo geral. Há de se considerar as características herdadas e as constituídas pelo contexto ambiental, o que constitui a dimensão pessoa (Bronfenbrenner, 2005, Alcântara Mendes et al., 2020).

Contexto

Ao considerar as interações do indivíduo com os outros sistemas além do seu microsistema familiar, está se considerando uma terceira dimensão que a ABDH compreende como sendo primordial, que é o contexto. Para tanto, Bronfenbrenner (1996, 2005) propõe um mapeamento das interações que ocorrem nos demais sistemas, e de forma didática a abordagem teórica reconhece o contexto em que o indivíduo se desenvolve constituído por 4 sistemas, são eles:

Microsistemas - são os contextos onde as relações e interações interpessoais ocorrem com maior proximidade, face a face. Exemplos de microsistemas: o familiar (casa do indivíduo, casa do pai ou casa da mãe etc.) os comunitários (igreja, escola, hospital), e outros microsistemas que a pessoa em desenvolvimento está inserida diretamente. No caso

dos participantes do presente trabalho compreende-se que são partes de um microssistema dentre os quatro sistemas.

Mesosistema - são os microssistemas em que o indivíduo está inserido, participando ativamente e relacionam-se entre si, em suma, são dois ou mais microssistemas se relacionando. A abordagem compreende como mesossistema a interseção de pelo menos dois microssistemas ao qual o indivíduo é ativo, por exemplo: um passeio escolar com a participação dos pais trata-se de um mesossistema, uma vez que há a interação do microssistema do filho com os microssistemas de seus pares e ainda com o microssistema escolar todos atuando em um mesmo propósito que é o passeio escolar. Essa experiência pode ser saudável para o desenvolvimento da criança/adolescente e dos demais envolvidos caso esses microssistemas estejam trabalhando em conjunto.

As interações denominadas mesossistemas possibilitam a aprendizagem e o desenvolvimento e, pode-se observar o processo do indivíduo nessa interação e verificar que o aprendizado ocorre de forma gradual, contínuo, partindo do simples (microssistema) para o complexo (mesossistema). Cada um com suas características, cada um desempenhando seus papéis sociais, portanto, é razoável inferir que conflitos podem emergir nesse contexto, A partir disso, serão demandados dos membros desses microssistemas recursos emocionais e repertórios comportamentais suficientes para manejar as diferenças entre esses atores. O resultado é o desenvolvimento pelas relações e interações de agentes internos e externos ao sistema do indivíduo (Alcântara Mendes et al., 2020)

Exossistema: neste sistema considera-se os ambientes em que o indivíduo não tem participação ativa, mas que sofre influência de forma indireta em seu desenvolvimento, por exemplo o trabalho dos pais influenciando indiretamente na vida dos filhos.

Macrossistema - este é um contexto mais abrangente, se refere aos valores, crenças, religiões, ideologias, formas de governo, as culturas e subculturas, fenômenos sociais

presentes na vida do indivíduo. No que se refere ao presente trabalho, assume-se que uma das variáveis estudadas localiza-se na dimensão do macrosistema, o fenômeno das redes sociais digitais, a cultura digital ou cultura das tecnologias da informação, influenciando o desenvolvimentos das pessoas e sendo influenciada e modificada a partir da interação dos indivíduos com os recursos da tecnologia da informação e comunicação, bem como com os demais contextos, micro, meso e exossistema (Bronfenbrenner, 2005, Alcântara Mendes et al., 2020).

Além do processo, da pessoa e do contexto, a abordagem bioecológica do desenvolvimento humano em sua visão sistêmica, considera uma quarta dimensão que deve ser considerada ao analisar um indivíduo ou um sistema, que é o tempo.

Tempo

O tempo é o que a abordagem bioecológica considera como cronossistema, que possibilita o mapeamento do tempo em três níveis, com a finalidade de analisar mudanças e permanências ocorridas ao longo do ciclo vital, compreendendo as transições ao longo do ciclo desenvolvimental. Se referem à relação da pessoa com os acontecimentos em um tempo imediato, os que ocorreram em um tempo mais distantes dos acontecimentos mais próximos e as ocorrências mais em nível histórico. São eles:

Microtempo, refere-se ao período de interações com as pessoas de convívio diário;

Mesotempo que se refere às atividades, interações e/ou processo que ocorre em intervalo de tempo maior, dias e semanas; e

Macrotempo que compreende o período de mudanças geracionais e transições históricas. (Bronfenbrenner, 2005, Alcântara Mendes et al., 2020).

O presente trabalho, ao buscar compreender a influência da comunicação digital na relação dos adolescentes e seus pais, está privilegiando um olhar sistêmico com maior atenção às interações ocorridas entre o microsistema familiar e o macrosistema no que diz

respeito a influências das culturas e subculturas emergentes na contemporaneidade, especificamente, a era digital. Sabe-se que todos os sistemas podem impactar direta e indiretamente nas relações bem como no desenvolvimento humano, o que implica em considerar a avaliação dos fatores de riscos e proteção dos sistemas aos quais o indivíduo em desenvolvimento é pertencente (Alcântara Mendes et al., 2020)

Sobre a constituição dos sistemas importa considerar que a interseção entre os microsistemas e sistemas (mesossistema) se dá por uma dinâmica de feedbacks, e a retroalimentação ocorre pelo fluxo de informações entre esses. O indivíduo é quem desempenha o papel de comunicador entre as pessoas que se interrelacionam entre os sistemas, e por analogia pode-se assumir que o meio comum de flutuação ou efetivação da comunicação entre pessoas e sistemas na contemporaneidade são os dispositivos de comunicação digital (PNAD, 2020, *Cetic.br*, 2020;2021; Rebelo, et al., 2019).

Sistema Familiar

Ciclo vital familiar e suas mudanças

Entende-se por ciclo vital familiar o processo desenvolvimental do sistema familiar como um todo, caracterizado por etapas que são constituídas de critérios como, idade, entrada e saída de membros, seja por morte, descasamento, recasamento, emancipação dos filhos e outros. O ciclo vital familiar vai da constituição inicial do sistema familiar até a morte daqueles que o iniciaram, recursivamente (Carter & McGoldrick, 1995).

Importa ressaltar que privilegiar a teoria do ciclo vital como fonte de compreensão do indivíduo e de seu sistema familiar possibilita ao profissional da psicologia e pesquisadores “uma visão panorâmica e focal” simultânea desse sistema dinâmico e complexo, de modo a orientar tanto as práticas de psicoterapia individual quanto da familiar. (Carter & McGoldrick, 1995; Oliveira Cerveny & Esper Berthoud, 2009; Osório & Pascual do Valle, 2009).

É salutar ao indivíduo e ao seu sistema familiar compreender as relações a partir do entendimento de que essas estão sujeitas a influências internas e externas ao sistema, e que essas relações se modificam ao longo do processo evolutivo de cada membro. No decorrer desse processo pode existir momentos de conflitos ou pontos nodais como alguns teóricos denominam, e que são nomeados pelo senso comum de crise familiar. A visão do ciclo vital familiar é útil para que profissionais da psicologia e pesquisadores identifiquem os momentos em que cada indivíduo e seu sistema está vivenciando, seus desafios ambientais e desenvolvimentais de difícil adequação (Macedo, 2013; Carter & McGoldrick, 1995; Macedo, 2013).

Apresenta-se neste ponto do trabalho, fases pelas quais as famílias podem experienciar, de forma dinâmica, ao longo da vida do sistema familiar. Didaticamente, as autoras Oliveira Cerveny e Esper Berthoud (2009) apresentam as quatro fases que as famílias brasileiras, de modo geral, vivenciam:

- fase de aquisição;
- fase da família adolescente;
- fase madura; e
- fase última.

Fase de aquisição

A fase da aquisição compreende desde o período da união do casal até a entrada dos filhos na adolescência. O marco desta fase é a aquisição de parentalidade e de objetivos comuns como, a definição do perfil da família em relação a quantidade de filhos, a busca pela aquisição da casa própria e a busca pela melhoria da qualidade de vida e bem-estar dos filhos, por exemplo. De modo que esses aspectos podem estar presentes em outros estágios, mas predominam nesta fase. É importante destacar que os aspectos que caracterizam cada

estágio se modificam a partir da classe sócio econômica de cada família (Oliveira Cerveny & Esper Berthoud, 2009; Carter & McGoldrick, 1995).

Fase da família adolescente

Essa fase é marcada pela tendência dos pais em adotar junto com os filhos, isso, pelo fato de que, normalmente, os pais de adolescentes estão na meia idade. A meia idade por um lado é marcada pelo declínio físico, por outro é caracterizada pelo crescimento pessoal. Assim, os pais que estão localizados na fase da família adolescente, buscam retomar projetos paralisados, reavaliam a carreira e questionam sobre as opções iniciais que foram ignoradas em função do atendimento das expectativas familiares (Lordello, 2019; Mühlen & Câmara, 2021; Macedo, 2013; Oliveira Cerveny & Esper Berthoud, 2009; Papalia et al., 2006).

Porquanto, a fase família adolescente é uma fase caracterizada pelas mudanças de funcionamento do sistema familiar, as regras que se utilizavam na infância dos filhos já não são mais funcionais. Outros marcos emergentes nessa fase é a necessidade de maior abertura ao diálogo entre pais e filhos, antes não tão presente na infância (fase de aquisição) e a flexibilização de valores, normas e condutas. Pode ocorrer, ainda, uma sobrecarga maior para uma das partes dos cuidadores, pois pode acontecer de somente um dos pais entrar no processo de reavaliação da vida (Oliveira Cerveny & Esper Berthoud, 2009).

Logo, adolescentes e seus cuidadores principais, ao experimentarem as mudanças inerentes a este estágio do ciclo vital, se reconfiguram neste sistema. E, não havendo recursos internos ao sistema familiar para enfrentamento nos momentos de crise, a psicologia, pela perspectiva sistêmica e seus recursos como a terapia familiar, pode acolher essa família, com intervenções voltadas para a promoção de relações mais saudáveis. Esse processo se dá, primeiramente, pela conscientização quanto ao funcionamento do núcleo familiar e pelos aspectos que os constituem enquanto família (Lordello, 2019, Macedo, 2013).

Fase madura

A fase madura é considerada a mais longa do ciclo, caracterizada pela saída dos filhos de casa, inserção de agregados como netos, cuidado com a saúde física e preparação para o envelhecimento, preparo para aposentadoria e perdas (Oliveira Cerveny & Esper Berthoud, 2009).

Fase última

Por fim, a fase nomeada de fase última é marcada pela volta à fase inicial, ou seja, o casal fica sozinho, ou tem a ocorrência da viuvez. Portanto, dependendo da forma como foi vivida as fases anteriores e das decisões tomadas, como por exemplo, divórcios e recasamentos, é que se terá definido um perfil dessa fase. As autoras consideram como uma fase das consequências das fases anteriores. (Oliveira Cerveny & Esper Berthoud, 2009).

Comunicação no sistema familiar adolescente

A comunicação no sistema familiar adolescente é comumente marcada pela emergência de embates entre pais e filhos. Esses embates, possivelmente, são provenientes do desejo do adolescente em diferenciar-se das figuras parentais e construir sua própria identidade. Compreender essa experiência de vida nem sempre é tarefa simples para todo o sistema e subsistema familiar. De um lado os valores e crenças transmitido pela família, de outro lado o adolescente em busca da sua individuação (Osório, 2009; Carter & McGoldrick, 1995).

Desse modo, é inegável que todo o sistema familiar seja afetado de algum modo por essas mudanças e, portanto, este momento do ciclo vital familiar requer do sistema e subsistemas maior flexibilização das fronteiras familiares de modo a facilitar e possibilitar a integração das alterações vivenciadas pelo adolescente rumo à independência, bem como, as demais mudanças emergentes em todos os participantes do sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995)

Ocorre que todo esse processo de mudanças é desafiador, sendo desejável e saudável para o sistema, que ocorra uma comunicação fluida entre pais e filhos, mister se faz um ambiente conversacional favorável à integração dessas alterações. Bons níveis de comunicação podem favorecer um desenvolvimento saudável do adolescente, bem como, as relações no sistema familiar como um todo (Wagner et al., 2005).

Comunicação Digital

Mídia digital como mediador comunicacional

Em 2020, 99% dos usuários da internet utilizavam o Smartphone como meio de acesso. Majoritariamente acessam a internet para enviar ou receber mensagens de texto/voz ou bate-papo por meio de chamadas de voz ou vídeo (PNAD, 2020, *Cetic.br*, 2020;2021).

O progresso das TDIC's vêm acompanhado de críticas quanto ao seu uso, atribuindo-lhes muitos aspectos compreendidos como socialmente negativos, a exemplo do isolamento social, dos riscos relacionados à privacidade e segurança. Contudo, Castells (2013) e Azevedo (2016), concordam quanto à percepção dos benefícios proporcionados pelo uso moderado em diversas áreas, como exemplo, na educação pela transmissão de conhecimentos de modo global, também nos relacionamentos interpessoais, principalmente pela praticidade da comunicação. Assim, a comunicação digital, impacta a vida social no sentido de se situar como instrumento integrador nas relações interpessoais interferindo de modo direto e indireto nos processos comportamentais, patológicos ou não (Castells, 2013, e Manual de Orientação Departamento de Adolescência, 2016)

Por outro lado, em uma pesquisa sobre site de redes sociais na contemporaneidade, Schiavi e Lorentz (2016) publicaram resultados demonstrando que 83 % dos entrevistados ficavam 24h conectados às redes, que tinham o hábito de checá-las a todo instante, inclusive, sendo a primeira coisa que faziam ao acordar. Houve consenso entre as pesquisadoras de que

a comunicação digital proporciona maior controle nas relações, no sentido de apresentar ao outro uma versão própria mais controlada. Isso porque as ferramentas possibilitam a edição em tempo real do que se vai comunicar ao outro, não só edição da escrita, mas também de seus pensamentos e imagens. O que os levam a comunicar somente o que lhes é conveniente, sem margem de erro (Schiavi & Lorentz, 2016).

Essas possibilidades podem culminar em distorções de auto imagem, interferir na constituição da própria identidade e fomentar a necessidade extrema de validação do outro. O recurso de curtidas na rede social Instagram, por exemplo, pode funcionar como um termômetro para essa validação ou aprovação do outro, podendo ocasionar frustração motivada pela comparação com as imagens postadas diariamente nas redes sociais, entre outros fatores (Schiavi & Lorentz, 2016).

Fermann et al. (2021) em uma pesquisa sobre o impacto das redes sociais que buscou identificar como o uso das plataformas de comunicação digital podem influenciar nas interações interpessoais dos jovens, identificou o uso do aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp como sendo prioritariamente o meio de comunicação e relacionamentos com amigos e familiares.

Sobre o debate quanto o uso das redes sociais ser fator de risco para os adolescentes, Lordello (2019), em seus estudos, defende as redes como sendo mediadoras da comunicação e das relações na contemporaneidade, além disso, a autora rebate as críticas que apontam os recursos digitais de comunicação como causa de dependência digital, principalmente, por parte dos adolescentes. A autora defende que muito mais que dependência patológica o uso das pelos adolescentes é inerente ao contexto de seu desenvolvimento, é fenômeno social de sua época, esses já nasceram imersos em uma sociedade cujo tecnologias digitais são fenômenos sociais em destaque (Lordello, 2019).

É certo que os desafios oriundos das relações virtuais estão presentes em vários sistemas como o familiar e escolar, por exemplo, com destaque para os comportamentos agressivos *haters*, vulnerabilidade da segurança (Cyber Bullying, Stalking, vazamento de conteúdos íntimos) e impacto direto ou indireto nas relações interpessoais. É importante ressaltar que não somente os jovens adolescentes estão expostos às benesses ou riscos do uso das redes sociais virtuais. A utilização desses recursos da TDIC têm se ampliado a todas as faixas etárias, estando presentes em vários momentos do ciclo vital humano. Porém, o fato de crianças e adolescentes ainda estarem em desenvolvimento cognitivo e afetivo, médicos, psicólogos e pesquisadores têm voltado a atenção para este público (Bozza, 2021).

Prensky (2001), cunhou o termo de nativos digitais para se referir aqueles que nasceram imersos no meio tecnológico digital. Por outro lado, compreende-se como imigrantes digitais aquelas pessoas que migraram para o campo virtual. Poder-se-ia, portanto, classificar os cuidadores familiares como sendo os imigrantes digitais e os adolescentes como nativos digitais.

Araújo e Figueiredo (2017) e Lordello (2019) concordam que houve mudanças na forma de comunicação e interação nas últimas décadas, em especial, dentre os adolescentes, de modo que eles percebem o âmbito digital com a mesma compreensão que têm dos contextos não virtuais. Isso significa dizer que, para os imigrantes digitais, pode ser mais marcada a percepção dos dois espaços, o digital e o real. Para os nativos digitais, as relações já são vivenciadas desde a infância mediadas pelas TDIC's e seus recursos digitais de comunicação, logo, para estes a percepção do virtual e espaço real é a mesma.

De modo geral, o ambiente virtual promove novas formas de interação e convivência, o que impacta diretamente na forma como as identidades vão se constituindo, sob a influência e influenciando simultaneamente às interações e usos das diversas ferramentas digitais. Como

preconiza o desenvolvimento bioecológico do ser humano, os sistemas, meso, exo, micro e macro, vão se alterando num *continuum* (Bozza, 2021, Bronfenbrenner, 2005).

Método

Compreender o fenômeno proposto nesta pesquisa implica a esta autora se posicionar como sujeito do processo de pesquisa, considerando que objeto e pesquisador são pessoas, carregadas por suas subjetividades. Portanto, compreender como adolescentes e seus cuidadores principais experienciam e interpretam a influência da comunicação digital no processo de comunicação entre si, requer que se explore o conteúdo comunicado nas entrevistas, não apenas o que se evidencia nas palavras, mas que as informações sejam analisadas em todas as suas possibilidades e significados atribuídos ao conteúdo por seus produtores (Gomes Campos, 2009).

Participantes

Para facilitar a compreensão dos resultados e discussão, foi feita a *referenciação* dos elementos da pesquisa, conforme proposto por Bardin (2016).

TABELA 1. Identificação/referenciação dos participantes

| Duplas | Integrante | Idade | Ocupação | Escolaridade | Tecnologia Mais Utilizada na Residência |
|----------------|--------------|-------|---------------------|---------------------|---|
| Dupla A | Mãe A (MA) | 35 | Enfermagem | Superior Completo | Celular/Notebook |
| | Filha A (FA) | 17 | Estudante | 3º ano Ensino Médio | Celular |
| Dupla B | Mãe B (MB) | 40 | Vendedora comercial | Superior Completo | Celular/Computador |
| | Filho B (FB) | 16 | Estudante | 2º ano Ensino Médio | Celular |

A idade critério de inclusão dos adolescentes foi entre 16 e 18 anos de idade. Quanto ao cuidador principal, o critério de inclusão foi o de que este fosse o responsável pelo processo de educação e desenvolvimento do adolescente, quer seja o pai, a mãe, avós ou outro responsável que mantivesse uma relação parental com o adolescente e que ambos residissem no mesmo domicílio.

A seleção de participantes ocorreu por meio de redes de acessos da autora do presente trabalho, de modo que os convites foram feitos por meio de mensagens eletrônicas via Whatsapp e ligação telefônica.

Instrumentos

A entrevista, como apresenta Minayo et al., (2009), é a estratégia mais utilizada na construção do saber qualitativo. Quando se vai a campo, vale-se tanto da comunicação verbal, quanto da reunião de informações resultantes de conversas fomentadas pelo pesquisador e demais interlocutores, caracterizando com isso a entrevista.

Mais especificamente, a presente pesquisa se valeu da entrevista individual semi estruturada, caracterizada pela combinação de perguntas fechadas e abertas que buscavam averiguar a frequência de uso das TDIC's, bem como, compreender as percepções dos participantes no que refere à influência da comunicação digital nas relações intrasistema familiar. Como exemplo de perguntas norteadoras, cita-se "*Qual a sua percepção da influência da tecnologia entre vocês?*". Essa ferramenta possibilitou à autora do presente trabalho ter liberdade e criatividade para abordar o tema da pesquisa, bem como, explorar conteúdos que surgiram sem perder o foco do problema de pesquisa (Minayo et al., 2009).

A entrevista teve o intuito de averiguar a frequência do uso das tecnologias de comunicação digital pelos participantes, de subsidiar a compreensão das percepções sobre a influência dessas tecnologias nas relações parentais e foi precedida de um questionário sociodemográfico. O questionário e roteiro utilizados são indicações das pesquisadoras

Neuman e Missel (2019) que sugerem em suas considerações que a pesquisa sobre a influência das tecnologias nas relações parentais deem segmentos para uma melhor compreensão das configurações familiares na contemporaneidade.

Procedimento

De acordo a Resolução nº 466/2012 de 12 de dezembro de 2012 que rege diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, regulamentada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), acatada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), esta pesquisa foi realizada à luz dos princípios éticos inerentes à prática científica com humanos, considerando o respeito à dignidade humana e proteção aos participantes da pesquisa. A pesquisa foi iniciada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos-CEP do Centro Universitário de Brasília - DF, por meio do Parecer número 4.993.818, conforme preconiza a Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

A presente pesquisa, por envolver participante de pesquisa menores de idade, observou as normas e diretrizes que regulamentam a garantia de direitos e proteção desse menor, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) regulamentado pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, bem como o que está previsto na Resolução nº 466/2012 (CNS), principalmente no que está disposto no item II.23, que trata do Termo de Assentimento, respeitando o direito de anuência do participante da pesquisa adolescente, esclarecendo-o da natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e incômodos que possam acarretar:

“Termo de Assentimento - documento elaborado em linguagem acessível para os menores ou para os legalmente incapazes, por meio do qual, após os participantes da pesquisa serem devidamente esclarecidos, explicitarão sua anuência em participar da

pesquisa, sem prejuízo do consentimento de seus responsáveis legais (Resolução nº 466/2012).”

A inclusão dos participantes se deu de forma voluntária após manifestação e consentimento por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) lido e assinado, no caso dos participantes menores de idade, o Termo de Assentimento referente à participação destes na pesquisa foi lido e assinado pelos próprios. Os termos foram encaminhados aos participantes em uma via de PDF, após lido e esclarecido aos participantes, os mesmos assinaram, digitalizaram e encaminharam eletronicamente.

Foram realizadas entrevistas individualizadas, de modo a atender um participante por vez. Cabe ressaltar que o local para as entrevistas ficou a critério de cada participante, a fim proporcionar maior familiaridade ao participante, maior conforto e que lhes permitisse liberdade e espontaneidade de expressão. Os quatro participantes foram unânimes em escolher o modo remoto, por meio de reunião online no Google Meet.

As sessões conversacionais, mediadas por entrevista semiestruturada, tiveram como temas: comunicação digital no cotidiano dos participantes, demandas identificadas nas relações parentais entre os participantes, aspectos identificados quanto a comunicação mediada pelas redes sociais e suas implicações na relação estabelecida entre os participantes. As entrevistas foram realizadas pelo Google Meet que após concordância dos participantes, foram gravadas por meio de recurso da própria plataforma. Cada sessão teve duração média de 25 minutos.

As informações obtidas por meio da entrevista e registrada por gravação, passou pelo processo de transcrição literal, de modo a possibilitar na construção de categorias temáticas, para posterior análise por meio de articulação teórica.

Riscos e Benefícios

A presente pesquisa, por estudar conteúdos relacionados a relações intrafamiliares, apresenta o risco de mobilizar aspectos emocionais e afetivos na relação parental dos participantes, são riscos mínimos da vida cotidiana. Contudo, como medidas de cautela diante dos riscos apresentados, a pesquisadora garantiu aos participantes o acesso aos seus resultados do presente trabalho, manteve postura ética diante dos contextos interacionais, evitando perguntas constrangedoras ou algum tipo de desconforto, por exemplo, o local ao qual esta pesquisadora utilizou para realizar a entrevista, foi em um ambiente isolado, com o uso de fones de ouvido e portas trancadas, garantindo a privacidade dos envolvidos. Durante todo o período da entrevista esta autora manteve atenção aos sinais verbais e não verbais de possíveis desconfortos por parte dos participantes, foi garantido aos participantes e mantido o respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

Por fim, com o intuito de prevenir possíveis danos de cunho psicológico aos participantes, esta pesquisadora informou, durante a leitura do TCLE, quanto a possibilidade de atendimento imediato psicológico junto ao CENFOR/UniCEUB, caso algum tipo de intervenção fosse necessária após as entrevistas e ainda, que o referido serviço seria sem ônus aos participantes da pesquisa.

Análise de Conteúdo

Esta pesquisa se vale da Análise de Conteúdo, com a utilização da técnica Análise Temática, por ser um método que disponibiliza um conjunto de técnicas a fim de analisar as informações contidas nas comunicações. De modo geral, esse método fornece procedimentos que descrevem, sistematicamente, os conteúdos das mensagens emitidas pelos participantes da pesquisa, possibilitando à autora do presente trabalho, uma gama de interpretações.

Logo, este trabalho se apoia no que preconiza Bardin (2016), ao afirmar que a análise de conteúdo é uma ferramenta importante e efetiva na condução da análise das informações

qualitativas, respeitando os limites do que está aparente, ou seja, dos conteúdos manifestos e dos conteúdos latentes de uma comunicação. Diante dos objetivos deste trabalho, as informações obtidas nas entrevistas, por meio da conversação com os participantes, foram analisadas à luz do modelo de análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin (2016), obedecendo critérios que se organizam em três fases: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados- inferência e interpretação.

Pré-Análise

A pré-análise consiste na etapa de organização dos conteúdos, de modo a viabilizar o seguimento e desenvolvimento das demais etapas necessárias ao plano de análise. Nesta fase se realiza leituras flutuantes com foco em observar o princípio da exaustividade a fim de não perder nenhum material importante que conflua com os objetivos da presente pesquisa (Bardin, 2016).

Inicialmente, na fase de pré-análise, foi feita a organização do material bruto, como transcrição literal da gravação e sistematização do material a fim de possibilitar a análise e identificação prévia de eixos temáticos. Como preconiza o método de análise de conteúdo de Bardin (2016), após a degravação iniciou-se o processo de leitura flutuante, que de acordo com a teórica, trata-se da busca de uma visão geral e identificação de alguns elementos iniciais e posteriormente, respeitando a regra da exaustividade, se aprofundar e identificar temas que não sejam somente o óbvio, mas identificar possíveis temas subjacentes aos que fora verbalizado.

Foi realizado então esse procedimento, realizando repetidas leituras do mesmo material, de forma exaustiva, destacando trechos do material bruto que guardava semelhança e vínculo com o referencial teórico deste trabalho. Após essa fase, reuniu-se todas as informações obtidas que confluem com os objetivos desta pesquisa e alocou-as em uma

planilha do Excel. Organizou-se agrupando as respostas aos seus respectivos emissores, como o exemplo que se segue:

| Perguntas/Respostas | Mãe A | Mãe B | Filha A | Filho B |
|---|--------------|--------------|----------------|----------------|
| Como a tecnologia é administrada na família? | XXXXX | XXXXX | XXXXX | XXXX |

Exploração do Material

Organizado o material, findada a transcrição dos dados da comunicação obtidos na entrevista, seguiu-se para a fase da exploração do material e tratamento dos resultados, que implica na codificação dos dados, categorização, de modo que a matéria prima da pesquisa seja tratada para que tenha significação e validade (Bardin, 2016). Desse modo, analisou-se os conteúdos obtidos da comunicação linguística verbal oral, que se deu por meio de entrevista semiestruturada realizada com os participantes, a fim de codificar, categorizar e propor inferências e interpretações relacionadas aos objetivos propostos no presente trabalho, bem como, outras “descobertas inesperadas” (Bardin, 2016, p. 131).

Codificação ou Unitarização

Nesta fase, buscou-se reduzir os dados brutos que estavam dispostos na planilha citada como exemplo na fase da pré-análise em unidades menores, de modo que esses dados passassem a ser mais representativos e de melhor compreensão do que como foi comunicado na entrevista (Bardin, 2016). Para fins de apresentação dos resultados da presente pesquisa, as unidades analisadas foram as Unidades de registro - UR (frases e/ou palavras), que são oriundas do tratamento de dados realizado nas Unidades de contextos -UC (Respostas das entrevistas), o quadro das UR's está disposto para consulta no Anexo 2.

Para se chegar nas UR's, buscou-se localizar em cada resposta (UC) frases ou palavras que se relacionavam ao tema da pesquisa, de modo a ser reduzido para uma unidade

menor que posteriormente seriam agrupadas em categorias temáticas. Um exemplo dessa codificação de UC para UR é uma das respostas de MB:

UC

“Eu acho que a privacidade tem que ter, é eu eu tenho que acreditar no que ele me fala, óbvio. Tenho que passar o que é importante para ele, eu tenho que ensinar, eu falo sempre para ele, FB com quem você está conversando? Ah... “um amigo não sei de onde” você conhece, você já viu foto? Você não sabe, e eu falo muito isso para ele, fica muito em rede social e conhece, fica em jogo online e conhece, entendeu? Eles não têm muito esse limite, então eu sempre falo para ele “cara tem muita gente que se passa por outra pessoa. Já mandou foto com a família? Já fez uma chamada de vídeo assim pra você saber quem é a pessoa que está falando?” porque eles ficam melhores amigos sem conhecer mesmo,entendeu? Eu morro de medo, eu morro de medo e ele morre de medo de eu ver e o telefone dele, deve ser muita coisa feia lá(risos).” (MB)

UR

“Eu acho que a privacidade tem que ter, é eu eu tenho que acreditar no que ele me fala, óbvio[...]

“Eles não têm muito esse limite, então eu sempre falo para ele “cara tem muita gente que se passa por outra pessoa[...]

[...]porque eles ficam melhores amigos sem conhecer mesmo,entendeu?[...]

“Eu morro de medo, eu morro de medo e ele morre de medo de eu ver e o telefone dele, deve ser muita coisa feia lá.” (MB)

Logo, da unidade contexto, buscou-se codificar a mensagem em trechos que confluem com o tema da pesquisa.

Categorização

A escolha pela categorização foi a não apriorística, ou seja, as categorias escolhidas emergiram do contexto das respostas de cada participante e/ou das próprias perguntas. A reunião de elementos (Unidade de Registro) com características em comum a uma classe, que no caso do presente trabalho teve como critério a categorização por semântica (tema), constitui o que Bardin (2016) explica por categorização, de modo que todo o processo da análise do conteúdo deve ser confluyente com os objetivos da pesquisa.

Logo, a estratégia adotada para a categorização foi a redução da Unidade de registro em um tema, por meio da identificação do núcleo de sentido de cada UR e agrupamento nos respectivos temas/categorias. Por núcleo de sentido entende-se a ideia central de determinado dado, no caso estudado trata-se da ideia central da UR, por exemplo, na UR “*Eles **não têm muito esse limite**, então eu sempre falo para ele “cara tem **muita gente que se passa por outra pessoa**[...]”, destacou-se em negrito o que foi compreendido como núcleo de sentido.*

A partir da identificação dos núcleos de sentido de cada UR, agrupou-se em categorias temáticas coerentes com os objetivos e fundamentação teórica da pesquisa realizada, no exemplo mencionado, agrupou-se a categoria temática *Insegurança*, obedecendo a semântica dos núcleos. Estão dispostos no Anexo 2, agrupadas em categorias, as UR’s extraídas do corpus analisado.

Resultado da Análise de Conteúdo

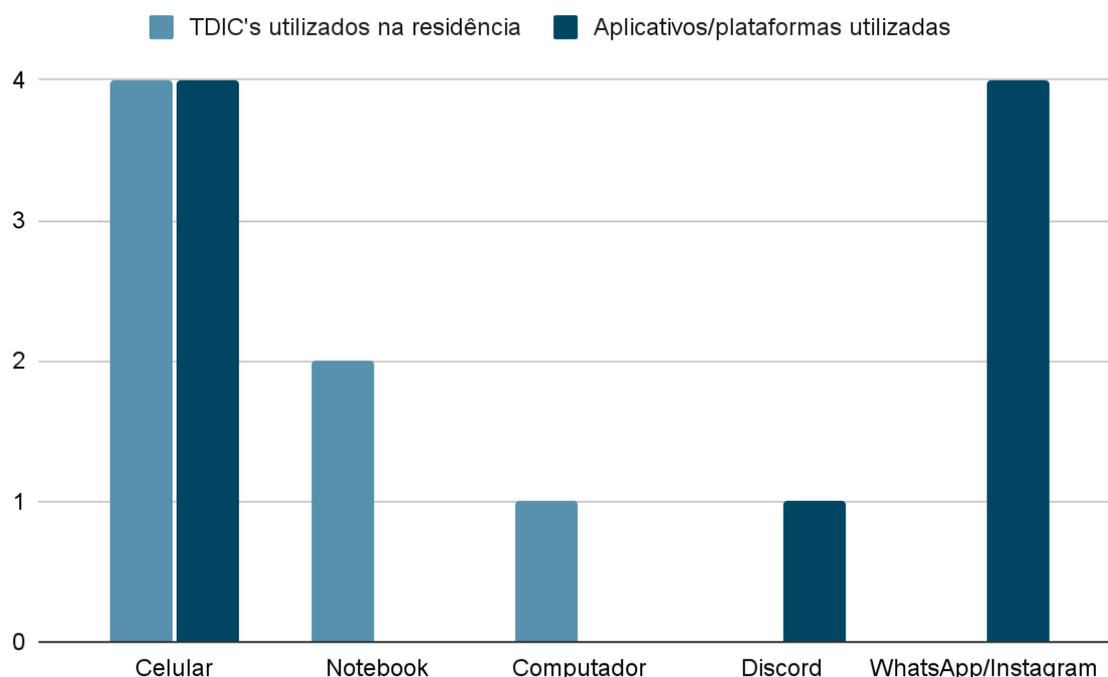


Gráfico 1. Observa-se a representação das respostas dos entrevistados no que se refere à ferramenta tecnológica mais utilizada em suas residências e à finalidade de uso.

O celular aparece como o recurso tecnológico mais utilizado pelos entrevistados e como finalidade de uso, acessam predominantemente plataformas de bate papo: WhatsApp, Instagram e Discord.

A PNAD (2020) já verificava em seus números que em 99,2% dos domicílios com acesso à internet, a conexão era feita pelo celular, dados similares foram verificados no presente trabalho. Ao serem questionados sobre qual recurso tecnológico é mais utilizado na residência, os participantes foram unânimes em responder que o celular, e sua principal finalidade o bate-papo pelos Aplicativos: **WhatsApp, Instagram e Discord.**

Observa-se nas falas, tanto das mães quanto dos filhos, que a utilização das ferramentas tecnológicas de comunicação digital é comum no sistema familiar do qual estão inseridos:

“*Celular e notebook.*”; “*É o whatsapp mesmo.*” (MA)

“*É o Computador e celular, o tempo inteiro...*”; “*WhatsApp e Instagram...*” (MB)

“*Celular é o que mais se usa...*”; “*Bate-papo pelo WhatsApp, Instagram.*” (FA)

“*Celular, é isso...*”; “*Instagram, WhatsApp e eu uso também o discord[...]*” (FB)

Tabela 2. Categorização/Frequência

| Categoria | Número de UR | Frequência % |
|--|---------------------|---------------------|
| Mediador da Comunicação | 14 | 24,14% |
| Tempo de Conexão/controlado | 13 | 22,41% |
| Distanciamento | 11 | 18,97% |
| Insegurança | 10 | 17,24% |
| Influência da Comunicação Digital na Educação dos filhos | 10 | 17,24% |

A tabela 2 apresenta Categorias Temáticas extraídas do corpus pesquisado e analisado e a frequência das UR's em cada categoria. Do total do corpus analisado, foram geradas aproximadamente 70 UR e após análise das unidades de sentido de cada UR, fez-se um recorte de 58 UR, coerentes com os objetivos do presente trabalho e que deram origem às cinco categorias que serão detalhadas na seção de discussão. São elas: *Mediadora da comunicação* (24,14%) que foi constituída por Unidades de registros que representam a percepção dos participantes sobre influência da comunicação digital nas relações parentais de seus sistemas familiares; *Tempo de conexão* (22,41%), que trata do tempo em que os membros ficam conectados às redes sociais; *Distanciamento* (18,97%), que demonstra a percepção dos participantes sobre o afastamento físico e afetivo entre os membros, em função

do tempo de conexão nas telas; *Insegurança* (17,24%) e *Influência da comunicação digital na Educação dos filhos* (17,24%) que são categorias que surgiram a partir da percepção apenas das mães, como sendo aspectos negativos nas práticas educativas parentais.

Discussão

Um dos desafios da psicologia é compreender as alterações das relações interpessoais, entre e intra sistemas. Além disso, também é de interesse da psicologia compreender como os indivíduos têm se comunicado e se relacionado, tendo a comunicação digital como um dos principais mediadores de comunicação na atualidade (PNAD, 2020, *Cetic.br*, 2020;2021; Rebelo, et al., 2019).

Nas Unidades de Registros que serão citadas nas próximas seções, será possível observar em destaque, os núcleos de sentido que captam o conteúdo (tema) subjacente ao que foi comunicado. Na comunicação é preciso considerar todo o seu mecanismo, desde o emissor, passando pela codificação da mensagem e decodificação dessa, analisando o que contém na mensagem, que é apenas um indicador que possibilita ao analista “revelar realidades subjacentes”. Na análise de conteúdo, é preciso ir além do óbvio, além do que foi comunicado (Bardin, , 2016, p. 167).

O material trabalhado gira em torno de 5 eixos temáticos que emergiram a partir das das percepções dos entrevistados e da autora do presente trabalho. São eles: Mediadores da Comunicação, Tempo de Conexão/controlado, Distanciamento, Insegurança e Influência da Comunicação Digital na Educação dos filhos.

Mediadores da Comunicação

A contemporaneidade está marcada por alterações sociais diversas. Uma delas tem sido a presença dos recursos tecnológicos de comunicação digital como meio comum de flutuação e efetivação da comunicação entre as pessoas e os sistemas dos quais elas participam direta ou indiretamente (Rebelo, et al., 2019). Essas alterações não se restringem

apenas ao amplo uso de novos recursos tecnológicos, mas também à influência dos comportamentos dos indivíduos e conseqüentemente das sociedades (Kenski, 2003).

Com os participantes do presente trabalho constatou-se o mesmo fenômeno, ou seja, recursos de tecnologia de comunicação digital mediando a comunicação e relações intra sistema familiar. Uma das influências da comunicação digital percebida como mediadora na relação da família de MA e FA, são os momentos em que MA e FA estão juntas em razão das limitações da mãe quanto ao manuseio desses recursos. As habilidades da filha com o universo digital permitem uma aproximação com a mãe ao tentar auxiliá-la:

[...]quando preciso de ajuda em alguma coisa, **ela** normalmente **consegue** desenrolar e **me ajudar**."(MA)

MA compreende como positivo o momento em que sua filha a auxilia, pois tem esse momento como um tempo útil em que ambas se aproximam mais. A FA nasceu imersa no meio tecnológico digital, é uma nativa digital, enquanto que sua mãe pode ser compreendida como sendo uma imigrante digital.

A fala de FB complementa essa idéia de que os adolescentes da contemporaneidade são considerados nativos digitais, para o adolescente, não há outra forma mais eficiente do que as redes sociais para se comunicar com quem está longe, seja por longas distâncias ou não:

[...]se não tivesse as redes sociais a gente **ia conversar o quê...? Por carta?**"(FB)

Adolescentes na contemporaneidade, são “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet e a depender da forma em que a tecnologia digital for usada, tanto pelos migrantes e imigrantes digitais, o efeito pode ser positivo e outro termo pode se evidenciar como “Sábios Digitais” (Prensky, 2012 citado por Sena, Samara & Schmiegelow, et.al, 2016).

Nesse sentido, o que está subjacente ao comunicado por FB, quando se questiona de que outra forma seria possível se comunicar é o mesmo que foi identificado por Nicolaci-da-Costa (2005) em seus estudos sobre os modos e formas das relações na contemporaneidade, FB também percebe a comodidade em se relacionar virtualmente. Assim como ocorria em outros períodos históricos, a comunicação à distância se dava por meio de cartas e rádios, por exemplo. Esses eram meios cômodos e naturais para conversar e obter informações de quem estava distante. Atualmente, ferramentas digitais somadas ao uso da internet, oferta a FB e aos indivíduos da contemporaneidade a comodidade de se estar em casa e poder trocar informações, conversar com quem está distante, e mais, os recursos tecnológicos aproximando inclusive quem está próximo fisicamente, mas distante emocionalmente, onde a comunicação está limitada (Nicolaci-da-Costa, 2005; Schiavi & Lorentz, 2016).

A inferência de que os recursos tecnológicos de comunicação digital emergem como mediadores da comunicação entre os membros do sistema familiar dos participantes, alterando o comportamento do indivíduo, intra e extra sistema familiar, vai ao encontro do que preconiza a teoria do ciclo vital familiar e a abordagem bioecológica do desenvolvimento humano. A família é um espaço importante de aprendizado, para então o indivíduo perceber o mundo e sentir-se pertencente a ele. Portanto, a família funciona como uma mediadora entre a pessoa e o seu contexto, o sistema familiar nuclear seria um contexto seguro para que as pessoas experimentem as mudanças bioecológicas e se desenvolva para a interação com os sistemas extrafamiliares (Bronfenbrenner, 1996, 2005; Mendes & Bucher, 2020).

Para o adolescente, que está em busca de autonomia, em busca de sua individuação, o contexto é uma dimensão primordial para seu processo desenvolvimental, uma vez que as relações estabelecidas nesse contexto, sistema familiar e seus subsistemas (conjugal, parental

e fraterno) constituem um sistema sociocultural aberto e em transformação. Portanto, a forma como pais/cuidadores e filhos se comunicam, pode impactar positiva ou negativamente na atuação do indivíduo em outros contextos (Bronfenbrenner, 1996, 2005; Mendes & Bucher, 2020).

Nesse sentido, a UR analisada retrata o momentos de interação e consequente aprendizado entre mãe e filha, face a face, a partir das interações nos subsistemas dos quais elas participam diretamente. A filha ensinando a mãe a utilizar os recursos tecnológicos, contribui, também, para as interações da mãe com os demais sistemas extrafamiliares, corroborando com o entendimento de Mendes e Bucher (2020) sobre o fato de que família, a partir de suas relações internas, se constituírem em um sistema sociocultural aberto e em constante transformação.

As interações diretas ocorridas no sistema familiar, principalmente na família nuclear são importantes para o desenvolvimento humano, pois a partir dessas é que ocorrem as interações nos demais sistemas, Meso, Exo e Macrossistemas. Porém, a qualidade dessas relações e vivências nos demais sistemas, se serão funcionais ou não, vai depender de outros fatores como, a dimensão Pessoa, características individuais, vai depender ainda do processo ou seja, como essas interações ocorrem (Bronfenbrenner, 1996, 2005).

A fala a seguir é de FA sobre um momento em que ela, a mãe e irmã interagiam tendo com o aplicativo Tik Tok, plataforma digital que tem o objetivo de gravar vídeos curtos:

[...]ontem que **ela estava aprendendo as dancinhas do Tik Tok, aí foi junto comigo e com a minha irmã**, então **foi um pouco mais divertido**[...] (FA)

Esse é mais um exemplo dos recursos tecnológicos de comunicação digital atuando como mediador das relações interpessoais e não apenas no que se refere ao diálogo. A filha entende, nesse sentido, como sendo um dos aspectos positivos da comunicação digital a aproximação que tem com sua mãe nessas ocasiões. Foi possível perceber euforia e

contentamento de FA em vivenciar este momento juntas, realizando alguma atividade com a mãe, principalmente, que ao seu ver está em momento de vida diferente do dela e da irmã, porém, esses momentos de diversão gravando vídeos ou mesmo de auxílio quanto o uso dos recursos tecnológicos as aproximam.

Estudos indicam que as plataformas online são usadas não só para entretenimento, mas também e principalmente como forma de comunicação e expressão. O universo virtual é parte do cotidiano, os sujeitos têm construído relações que se mantêm à distância, mesmo quando há a possibilidade do contato físico, com isso, a maneira de vivenciar o mundo vai se diversificando, produzindo novas formas de interações e relações (Schiavi & Lorentz, 2016; Rebelo, et al., 2019).

Algumas UR's que caracterizaram o eixo temático, **Mediadores da Comunicação** no material pesquisado:

*[...]como eu moro um pouco distante, elas **não tem muita gente pra conviver no dia a dia a não ser na escola [...] elas passam a maioria do tempo no computador ou no celular**” (MA)*

As vivências das filhas de MA, por morarem em uma área rural, são mediadas por recursos tecnológicos de comunicação digital.

O filho de MB está passando uma temporada com o pai em outro Estado brasileiro, e a comunicação entre ele e a mãe tem sido diária e estritamente por redes sociais digitais. No caso de MB, quando ela e o filho estão em casa, quase não se vêem ou se falam ao longo do dia; *“Eu me fecho aqui no quarto, o dia inteiro, ainda mais agora que estou em home office, **pessoalmente, é bem distante.**”*. Porém, atualmente que estão distantes, fisicamente, eles têm se comunicado mais, tem tido momentos de interação e diversão ao trocarem vídeos, memes e afins, eles se falam com mais frequência, como relatado por ambos:

"No Instagram a gente conversa muito, manda post um para o outro. Aí com os familiares também [...](FB)

"Eu passo o dia inteiro falando com ele, com o meu filho, a gente passa o dia inteiro mandando meme um para o outro."(MB)

[...]mesmo ausente ele está super presente comigo, entendeu? [...](MB)

"Eu acho que nas redes sociais é mais fácil de você interagir com as outras pessoas [...](FB)

"Prefiro Conversar por mensagem do que pessoalmente. porque Sei lá, eu me sinto mais Mais, mais leve, sabe?"(FB)

FB se sente mais confortável em interagir com outras pessoas por meio das redes sociais, corroborando com o que Lanzarin (2000) já concebia há 20 décadas,

A internet tem o poder de produzir ambientes onde se sente liberdade para vivenciar aspectos subjetivos, que antes estavam escondidos, e que nesse meio, por de trás de uma tela, produz a sensação de suspensão do olhar social/censura, e se transforma em diálogos que permitem a confissão e o indizível. Fica fácil do sujeito se sentir pertencente a um grupo, ou com identificações com um estranho (Lanzarin, 2000, citado por Schiavi & Lorentz, p.2, 2016)

É notório que FB tem preferência em se relacionar com as pessoas por meios virtuais, para ele é um ambiente em que tem mais liberdade de expressão, ainda que ele tenha conhecimento que junto a essa liberdade vem também, o abuso dessa. Em um trecho da Unidade de Contexto que foi retirada a UR ora analisada, ele diz sobre algumas consequências dessa sensação de liberdade: “[...] você pode fazer discurso de ódio sobre as pessoas, porque você está na internet [...] a pessoa provavelmente não vai saber quem você é,

onde você mora, o que você faz da vida, então, tem gente que acaba desfrutando disso, para realizar maus atos, más ações.”

A maioria das pessoas que usam a internet, o fazem por meio do celular e majoritariamente a utilizam para enviar ou receber mensagens de texto/voz ou bate-papo por meio de chamadas de voz ou vídeo. O uso da internet é predominantemente voltado para a comunicação interpessoal, seja com familiares, amigos ou colegas de trabalho, sendo as redes sociais compreendidas como mediadoras nos relacionamentos interpessoais na contemporaneidade, principalmente para o público adolescente (PNAD, 2020, *Cetic.br*, 2020;2021).

Ocorre que todo esse processo de mudanças é desafiador, sendo desejável e saudável para o sistema familiar com adolescentes, que ocorra uma comunicação fluida entre pais e filhos, mister se faz um ambiente conversacional favorável à integração dessas alterações. Bons níveis de comunicação podem favorecer um desenvolvimento saudável do adolescente, bem como, das relações no sistema familiar como um todo, uma vez que adolescente (nativos digitais) e pais/cuidadores (imigrantes digitais) mantêm relação de modo distinto com as tecnologias digitais (Wagner et al., 2005; Schiavi & Lorentz, 2016).

Os nativos digitais processam várias informações de forma simultânea, utilizando diversas ferramentas tecnológicas e redes sociais, todos interconectados, enquanto que imigrantes digitais, têm dificuldade em compreender como é possível que seus filhos possam aprender algum conteúdo estando diante de tantas informações. O que para um é bom para o outro soa estrangeiro e esse é um ponto que merece atenção no ciclo vital familiar, pois é um potencial gerador de conflitos e adoecimentos (Wagner et al., 2005; Schiavi & Lorentz, 2016).

Tempo de conexão

Esta categoria emerge a partir da pergunta - Em média, qual a **frequência de conexão** do seu filho (a)/Pais com as plataformas digitais (Facebook, Whatsapp, Youtube, etc)? Faça uma comparação entre o **tempo de conexão com as tecnologias e o tempo que passa com a família**. Os participantes da pesquisa evidenciam a forte influência da comunicação digital na diminuição do diálogo face a face entre eles.

*"24 horas. Ele passa **conectado** com o mundo virtual, eu diria 24 horas."* (MB), diz a mãe a respeito de seu filho FB; a mãe de FA relata que: *"Ela fica **mais tempo, mais nas redes sociais**[...]"* (MA).

É comum ouvir, tanto no meio acadêmico quanto no senso comum, de que os jovens passam a maior parte do tempo conectados com seus aparelhos celulares, que se isolam do mundo, que não dialogam mais com os familiares. Porém, é possível perceber outra realidade, a de que os pais/cuidadores (imigrantes digitais) estão cada dia mais conectados, também. E os filhos percebem esse avanço no tempo de conexão por parte de seus pais.

Foi perguntado aos participantes FA e FB sobre o tempo médio de conexão de seus pais com as **plataformas digitais** (Facebook, Whatsapp, Youtube, etc), foi solicitado a eles que fizessem uma comparação entre o tempo de conexão com as tecnologias e o tempo que eles passam com a família.

Divergente do discurso comum, FA e FB trouxeram suas percepções: *"Eles ficam a maior parte do tempo do dia conectados[...]**não, não tem controle**[...]"* (FB); *"O dia todo. Ficam **mais tempo** com a tecnologia[...]"*(FA)

Quanto à administração do uso do celular, pais e filhos também são unânimes em concordar que não tem controle, que não há muito o que se fazer.

A mãe de FA diz:

*"[...]**a gente vai deixando, é mais cômodo** né a gente vai empurrando e **quando a***

gente vê já perdeu o controle, mais ou menos. (MA)

Sua filha constata que:

*"Não, não tem nenhum **controle não**, só quando está mais de noite mesmo que minha mãe já pede para a gente ir dormir* (FA)

FB diz que não tem controle quanto ao uso do celular, da internet, *"sempre foi muito boa."*

Sua mãe admite a dificuldade que se tem em controlar o uso da internet, inclusive ela "[...]muito tempo do dia conectado, **não tem como desconectar** hoje, **nem a gente desconecta**[...](MB)

Essas falas corroboram com o entendimento de Bozza (2021), que ressalta não ser somente os jovens adolescentes que estão expostos às benesses ou riscos do uso das redes sociais virtuais, a utilização desses recursos tem se ampliado a todas as faixas etárias, estando presentes em vários momentos do ciclo vital humano. Ocorre que, pelo fato dos adolescentes ainda estarem em um estágio do desenvolvimento humano caracterizado pela imaturidade cerebral, a atenção de médicos, psicólogos e pesquisadores se voltam para este público.

O cérebro se constitui não como um todo mas em partes que vão se conectando entre si lentamente, é um processo que leva anos. As últimas partes do cérebro a se formar são regiões cerebrais associadas ao planejamento dos comportamentos cognitivamente complexos e à expressão da personalidade. Portanto, a forma como o cérebro está conectado na adolescência, ainda não lhe permite um nível sofisticado de controle cognitivo, o que pode explicar o comportamento (transitório) com traços de impulsividade e de risco, característico dessa fase do desenvolvimento humano (Jensen & Nutt, 2016).

Existem estudiosos, como a professora americana Sherry Turkle, que fazem críticas ao excesso de tempo de conexão à internet. Devido às relações na contemporaneidade serem mediadas pelas redes sociais digitais, o tempo de acesso a essas redes ser diário e por longas

horas, em média 9 horas, pode-se emergir nas pessoas a sensação de sempre estar acompanhadas e de ter uma escuta permanente, ainda que não esteja fisicamente na companhia de uma pessoa (Turkle, 2012; Oliveira, 2017).

Com isso, a desconexão física entre as pessoas pode se tornar cada vez mais uma realidade social e conseqüentemente gerar a sensação de que sempre terá alguém disponível a um toque na tela do celular, eliminando o risco de solidão. Essa percepção pode ser uma das explicações para o fato das pessoas preferirem se comunicar por meio digital, principalmente adolescentes (Turkle, 2012; Oliveira, 2017).

Os resultados obtidos nesta categoria vem ao encontro dos achados da pesquisa sobre site de redes sociais na contemporaneidade, realizada por Schiavi e Lorentz (2016), que demonstra que 83% dos entrevistados alegam ficar 24h conectados às redes sociais e que tinham o hábito de checá-las a todo instante, inclusive, sendo a primeira coisa que fazem ao acordar. Em pesquisa realizada em uma parceria entre a *Hoopsuite* com a *We Are Social* (Relatório Digital 2020), o Brasil aparece como o segundo país que passa mais tempo online por dia. A média mundial em que uma pessoa passa conectada à internet, fazendo uso das redes sociais é de seis horas e quarenta minutos. Já a média brasileira é bem superior, a média diária de conexão por pessoa é nove horas e vinte minutos, por todos os dias. A idade dos pesquisados varia entre 16 e 64 anos de idade.

A categoria Tempo de conexão se articula à próxima categoria a ser analisada, o Distanciamento, outro eixo temático que emergiu na presente pesquisa se articula.

Distanciamento

Essa temática emerge na fala de ambas as duplas, até mesmo em outras UR que compõem outras categorias é possível inferir a temática distanciamento. Especificamente sobre essa categoria, 15,28% das UR tiveram o distanciamento como temática, tanto na percepção das mães quanto na dos filhos.

Há um paradoxo identificado, quando o tema é comunicação digital e o distanciamento social. Em diversas falas, tanto das mães participantes quanto dos filhos, há a atribuição do distanciamento em função das tecnologias de comunicação, ao tempo que paradoxalmente, os mesmos participantes compreendem as redes sociais como um mediadora e facilitadora comunicacional, tanto no microsistema familiar quanto nos outros espaços sociais.

*[...]as pessoas **deixam de conversar pessoalmente** para conversar por WhatsApp[...]*
(MA)

*[...] eu **me fecho aqui no quarto**, o dia inteiro, ainda mais agora que estou em home office. Pessoalmente é bem distante." A gente também está **se distanciando deles né?**"* (MB)

*[...]a **família não tem muito mais aquele tempo juntos** em família porque a tecnologia atrapalha muito, fica cada um no seu canto no seu celular[...]* (MA)

“Às vezes chego em casa do serviço cansada e vou mexendo na internet, vou ficando e vou deixando, vai passando entendeu? (MA)

Subjacente a essas falas, compreende-se que as mães comunicam que os membros de suas famílias estão distantes uns dos outros, em primeira instância, um distanciamento físico.

*[...] acho que **distanciou né?** [...]quando preciso falar alguma coisa e ela **não quer parar o que está fazendo para me dar atenção** [...]eu chego, **ela está naquele joguinho dela e ninguém pode falar nada que fica nervosa**, isso já me deixa bastante chateada[...]* (MA)

Os filhos também têm a mesma percepção das mães. FA relata com um sorriso de “canto de boca”, transmitindo constrangimento e incompreensão:

*[...]ela me manda **mensagem pelo WhatsApp mesmo ela estando em casa, porque ela não vem aqui no quarto falar comigo?**[...] FA)*

FA se refere a episódios em que a mãe, por vezes, se comunica por mensagens,

mesmo estando no mesmo ambiente físico, ela verbaliza essa prática com um tom de desapontamento. Depreende-se dessa fala o desejo de estar próximo a mãe, o desejo de se comunicar frente a frente. Um indicador que confirma essa inferência é o trecho de sua fala:

[...] *porque ela não vem aqui no quarto falar comigo?* [...]

Ao se fazer esse questionamento, subjacente ao que foi dito está que para a filha de MA seria o mais coerente e lógico que a mãe fosse até ao quarto. A próxima fala de FA, complementa essa inferência. Ao ser perguntada sobre sua percepção de algum aspecto negativo do uso das Tecnologias digitais em casa, ela responde:

“Distanciamento, não nos falamos muito em função da tecnologia[...] (FA)

A filha de MA demonstra em suas falas que percebe o distanciamento estabelecido entre ela e a mãe, em função do uso da tecnologia.

[...] *a família não tem muito mais aquele tempo juntos em família porque a tecnologia atrapalha muito, fica cada um no seu canto no seu celular*[...] MA

Nessas últimas falas, nota-se que além da percepção de um distanciamento físico, emerge a percepção de um distanciamento, também, afetivo/emocional. Está implícito na fala de MA o desejo de receber atenção de sua filha e a frustração em não a obter em função do uso da tecnologia digital, emergindo com isso sentimentos de chateação em si e percebendo o nervosismo em sua filha ao ser importunada quando está jogando.

Observa-se na categoria Distanciamento o quanto que a vivência do adolescente altera o seu sistema familiar bem como, é afetado por este. À medida que filhos vão fazendo uso dos recursos tecnológicos para se comunicar, estudar e se divertir, os pais também vão sendo afetados por essa dinâmica e como perceptível nas falas, ambos os institutos, pais e filhos percebem distanciamento em suas relações, seja físico ou afetivo (Fiorini & Guisso, 2016, Minayo, Deslandes & Gomes, 2009).

As manifestações de descontentamento dos participantes, no que se refere a

influência das mídias digitais nas relações interpessoais, confirma o que a psicologia de perspectiva sistêmica compreende sobre ser a família um sistema que possui características de recursividade nas relações, experiências vividas por um membro influenciando e alterando as experiências e modo de vida do outro. A Mãe A não indo falar pessoalmente com a filha em seu quarto, a incomoda, em contrapartida, FA não dar atenção à mãe quando está jogando, deixa a mãe chateada (Mühlen & Câmara, 2021).

É importante que, no ciclo vital familiar, se tenha foco nas relações interpessoais principalmente quando a família se encontra na fase de desenvolvimento humano adolescente, momento que não necessariamente seja marcado por conflitos, mas por acomodação de espaços e papéis entre gerações. O que pode culminar em um momentos de tensão. A categoria Distanciamento é um exemplo desse momento de tensão, são fenômenos socioculturais interferindo no sistema familiar, mais especificamente no microssistema parental (Senna & Dessen, 2012)

É prudente estar alerta para essa ocorrência, o distanciamento, no ciclo vital do desenvolvimento humano em que haja a presença da adolescência. Isso porque, tendencialmente é no sistema familiar que as crianças e adolescente estabelecem suas relações interpessoais de modo primário, sendo portanto, esse contexto responsável por inserir culturalmente os seus membros na sociedade e espera-se que seja uma inserção saudável e o distanciamento social pode tornar esse trânsito em outros sistemas extrafamiliares, disfuncional (Bronfenbrenner, 1996; 2005).

O distanciamento não é de todo disfuncional, mas previsível ao longo do ciclo vital familiar, principalmente da adolescência em diante. Faz parte do desenvolvimento saudável do indivíduo que ele busque sua autonomia, sua independência e se distancie dos pais/cuidadores, seja pela busca de sua individuação, seja pela entrada de novos membros na família ou saída de outros, de modo geral é previsível e desejável esse afastamento físico. A

ressalva que se faz é quando o distanciamento é afetivo, limitando o diálogo, o compartilhamento de experiências e vivências, o que pode tornar um desenvolvimento não saudável, comprometendo conseqüentemente as relações parentais e expandindo para os demais sistemas e micro sistemas dos quais os membros da família circulam e interagem (Carter & McGoldrick, 1995).

Insegurança

Para analisar um conteúdo, necessariamente se deve passar pela análise da mensagem propriamente dita e identificar indicadores que revelam “realidade subjacentes” a ela. Para tanto, é importante considerar o emissor ou produtor da mensagem, que em consonância com a teoria da análise de conteúdo de Bardin (2016), “pode se seguir a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor”.

Essa é uma categoria que pode confirmar a tese de Bardin (2016) de que a mensagem pode exprimir e representar o emissor. Diferentemente da categoria Distanciamento, que é tema presente nas falas tanto das mães quanto dos filhos, a categoria Insegurança é constituída unanimemente por falas das mães e quando surge na fala do filho B, é na tentativa de compreender e explicar o que a mãe deixa de transparecer:

[...]estou conversando com a pessoa, aí ela (mãe) vai lá olhar o que eu estou fazendo. E aí ela fica com medo, medo entre aspas! Eu não sei explicar se é medo ou o que que é de, sei lá, se é um pedófilo ou algum estranho que vai me fazer algum mal.”(FB)

O que FB traz em sua fala, está relacionado com um dos fenômenos resultantes da sensação de liberdade e anonimato que a internet proporciona aos usuários. Os atos ilícitos praticados na internet, denominados crimes cibernéticos, que são crimes virtuais, cometidos por meio da internet e que podem enquadrar-se no código penal. Os mais comuns são praticados por meio das redes sociais, a fim de prejudicar de alguma forma a vítima ou acessar o ambiente virtual da desta, obtendo dados e informações pessoais. Alguns desses

crimes, são nomeados como, grooming (aliciamento de menores, por meio da internet com fins de sexuais); o cyberbullying, que se caracteriza pela intimidação, ameaça ou constrangimento de menores de idade por meio da internet; ciberpedofilia e outros diversos crimes praticado, onde o alvo principal são criança e adolescentes (Cavalcante, 2020).

O temor que FB percebe por parte de sua mãe, é tema de estudos de várias áreas da ciência, do direito à psicologia e tem nome, ciberpedofilia, que se refere aos crimes sexuais praticados contra crianças e adolescentes, em ambiente virtual. Os crimes cibernéticos, são foco de estudos e a população adolescente é considerada a parte da sociedade mais vulnerável a esse tipo de crime, principalmente no que se refere aos crimes de violência sexual (Cavalcante, 2020; Silva, 2021; Lima, 2014)

Logo, sobressai a insegurança de ver seus filhos imersos ao meio digital, ao não saber com quem estão conversando, se vão ou não se tornar dependentes de jogos online, se o uso das redes sociais vai ou não influenciar seus filhos a tomarem decisões arriscadas e perigosas *[...] a internet ela tanto pode ajudar né, servir como aprendizado para alguma coisa boa, como pode fazer um adolescente se transformar e até se matar né, a gente cansa de ver adolescente suicidando por conta de... dessas coisas que veêm na internet[...](MA)*. Essas são falas que claramente representam o emissor da mensagem, pois é esperado que este tipo de preocupação venha do papel social desempenhado por pais/cuidadores. Quando MA fala sobre o perigo do adolescente “se transformar e até se matar” (sic), subjacente a essa fala está o que alguns autores vêm discutindo no que se refere à influência do uso intensivo da internet e a vulnerabilidade de crianças e adolescentes às tentativas e práticas autolesivas (Deslandes & Coutinho, 2020)

A hiperconexão no mundo digital, tem influenciado de forma significativa na autoimagem, conseqüentemente na busca massiva de curtidas (reconhecimento ou validação do outro) a partir das plataformas digitais, interferindo diretamente na sociabilidade do

indivíduo. Assim, adolescentes se tornam vulneráveis às violências auto infligidas, a exemplo do desafio Baleia Azul, de conhecimento público, apresentado à sociedade como um jogo que vitimou muitas crianças e adolescentes ao tentarem cumprir os desafios propostos no universo online (Deslandes & Coutinho, 2020).

As mães participantes do presente trabalho, percebem os riscos e vulnerabilidade a que seus filhos estão expostos. De outro modo, nota-se também a fragilidade por parte delas em conduzir tal situação para uma condição mais saudável e de menor risco, pois, se por um lado as mães entrevistadas reconhecem as habilidades dos filhos com as tecnologias de comunicação, por outro, compreendem a imaturidade que eles têm em distinguir os riscos que envolvem a socialização digital (Deslandes & Coutinho, 2020).

Considerando as produtoras das mensagens, que são as mães, infere-se que a insegurança no meio da comunicação digital afeta diretamente e em primeiro lugar os pais/cuidadores, no caso do presente trabalho, as mães.

[...]a falta de acesso, que eu não sei com o que ele...do que que ele está ali se alimentando, eu não sei mesmo[...](MB)

[...]isso é angustiante e é privado, é coisa dele né, ele não me dá acesso a isso então é muito ruim eu não sei com quem ele fala. Tipo, Pedófilo.” (MB)

A residência, que supostamente é um ambiente seguro para os filhos, pode ser um ambiente de vulnerabilidade. Está evidenciado nas falas das mães a sensação de insegurança com relação ao que pode acontecer aos seus filhos, com quem eles conversam, com quem eles se relacionam. Não é mais preciso ir à escola para que seus filhos sejam vítimas de bullying: o *cyberbullying* está em uma crescente alarmante. O *grooming* vem sendo amplamente praticado com as crianças adolescentes, muitas histórias de conhecimento público, como o caso da “baleia azul”, como casos de jovens sendo convencidos por meio de instruções recebidas pela internet de usarem determinadas substâncias como a inalação de

desodorantes em aerossol, por exemplo, o convencimento da participação de grupos de cutting, entre outras práticas que colocam os cuidadores desses jovens em posição de alerta e insegurança (Lima, 2014)

*“Eu acho que a **privacidade** tem que ter, é **eu tenho que acreditar no que ele me fala óbvio.[...]**” (MB)*

A mãe de FB demonstra em sua fala a influência da comunicação digital na sua relação com o filho. Ela não se sente confortável em tratar com o filho sobre os sites que navega, sobre com quem conversa, pois não sabe lidar com as fronteiras da relação mãe e filho, infere-se que ela tenha dificuldade em delimitar a fronteira do que é cuidado e o que é invasão de privacidade. É provável que as novas configurações familiares, em que pais/cuidadores estão mais ausentes da rotina da família por estarem exercendo seu papel laboral, filhos cada vez mais atarefados, matriculados em ensino regular e em diversas atividades extracurriculares, ou em muitos casos, adolescentes que trabalham ao longo do dia e estudam no período noturno, têm mantido seus membros mais distantes.

*“Eles não têm muito esse limite, então eu sempre falo para ele **“cara tem muita gente que se passa por outra pessoa[...]**” (MB)*

*[...]porque eles **ficam melhores amigos sem conhecer mesmo, entendeu?**[...]*(MB)

*“Eu **morro de medo, eu morro de medo e ele morre de medo de eu ver e o telefone dele, deve ser muita coisa feia lá**”*(MB)

O Brasil possui algumas frentes de trabalho com vistas a minimizar os riscos de alguns crimes digitais. No ano de 2019 a ONU Brasil produziu o relatório de verificação de Progresso da Agenda 2030 constatando dentre várias ações, algumas voltadas à saúde e bem estar do adolescente. Dessas ações, uma trata-se da criação de uma plataforma de inteligência artificial no Facebook Messenger pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no ano de 2018, que foi batizada de Careta, cujo objetivo primeiro foi o de fomentar o

diálogo sobre os riscos de *sexting* (postar fotos ou vídeos íntimos na internet), encorajando a troca de informações sobre o tema (UNICEF, 2019 e Lordello, 2019).

A plataforma gerou subsídios para prevenção e enfrentamento de problemas envolvidos na prática de *sexting* no Brasil por meio da participação de aproximadamente um milhão de usuários, somente em 2019; dentre estes, de forma espontânea, 113.000 adolescentes entre 13 e 18 anos de idade interagiram com a ferramenta de tecnologia digital (ONU Brasil, 2019). Identificou-se que a principal fonte de apoio das vítimas de *sexting*, são os amigos e amigas, o que levou aos pesquisadores e analistas à conclusão de que é premente a necessidade de fortalecimento e capacitação de pais, familiares e professores para falarem sobre o tema com os adolescentes (ONU Brasil, 2019). a UNICEF por meio da criação da plataforma de inteligência artificial já mencionada, utilizou as mídias sociais a fim de alertar tanto os sistemas sociais mais primários do adolescente que é a família e escola, quanto a necessidade de melhorar a comunicação entre os membros destes sistema (UNICEF, 2019 e Lordello, 2019).

Por fim, o intuito de ter abordado alguns crimes digitais específicos e de relacionar o uso excessivo da internet com a vulnerabilidade das crianças e adolescentes, não guarda nenhuma relação de causa e efeito. Ocorre que a tentativa foi de reconhecer o conteúdo da fala dos participantes, junto à literatura.

[...]Elas jogam, um jogo Free Fire [...] Não gosto muito não, eu acho primeiramente que esses jogos são muito violentos esses negócio de tiro de matar de não sei o quê?(MA)

Os *games* são fontes de estímulo cerebral presentes na contemporaneidade, no qual os adolescentes, em especial, respondem de forma exuberante. Porém, em razão dos seus cérebros serem mais sensíveis ao estresse do que os cérebros adultos, eles ficam mais propensos a colocar em prática o que aprendem e veem (Jensen & Nutt, 2016).

Sobre jogos online, a partir da fala de MA infere-se a sensação de insegurança que a mãe tem em relação aos riscos que os jogos online oferecem às suas filhas. A preocupação de MA pode ser validada pela perspectiva neurocientista que afirma que os adolescentes tendem a ter menos habilidades no que se refere a controlar o entusiasmo quando estão envolvidos em algo que lhes desperte o interesse. Esse comportamento os coloca em posição de vulnerabilidade quanto ao uso da internet, pois ao se concentrar em demasia nos games, por exemplo, sem interagir com pessoas no face a face, pode resultar no que a literatura concebe como uso patológico da internet (Jensen & Nutt, 2016; Terroso & Lima Argimon, 2016).

Há evidências de que os Jogos de vídeo e jogos de azar usam os mesmos circuitos de recompensa que é usado para o vício em substâncias, como, comida, bebidas alcólicas ou compras, por exemplo. Caso o uso dos games seja de forma exagerada, há o risco de que o intuito inicial de divertimento e prazer se desencadeie em uso patológico da internet e seus recursos (Jensen & Nutt, 2016; Terroso & Lima Argimon, 2016,).

Diante da evidência de que o tema insegurança surge predominantemente na fala das mães, remete-se ao que Senna e Dessen, (2012) abordam em um de seus artigos, que neste período, fase da adolescência no ciclo vital familiar, os produtos culturais são direcionados igualmente às gerações (pais e filhos), porém, não afeta igualmente os indivíduos adultos e adolescentes. Com os participantes do presente trabalho, vê-se claramente essa especificidade, uns percebendo os recursos tecnológicos de comunicação digital como sendo um avanço e alternativa de relacionamentos interpessoais, outros compreendendo como um risco à saúde e à vida. FA, deixa claro esse antagonismo quando fala “***Eu me sinto segura, eu acho que também pelas coisas que eu acompanho não é nada demais, são coisas da minha idade mesmo então, não sinto nenhum risco não.***” (FA)

Ocorre que, com base neste argumento nota-se empiricamente a influência da comunicação digital na relação das respectivas mães e seus filhos, no que se refere à

insegurança das mães quanto à exposição dos filhos aos diversos riscos no uso da internet.

Neste sentido, ressalta-se que os adolescentes, quando expostos a eventos estressores, que lhes causem dor e sofrimento, tendem a ser mais intensos nas relações virtuais e utilização de jogos, pois o ambiente virtual pode proporcionar sensação de prazer e consequentemente ocorre a desvinculação gradativa da convivência familiar. Essa desvinculação pode ocorrer no processo de fuga das tentativas de controle dos pais, por exemplo. De modo geral, caso o uso da internet alcance o patamar de dependência, aspectos negativos ao desenvolvimento saudável da pessoa podem emergir, como o baixo repertório de habilidades sociais e com isso a diminuição de vinculações interpessoais (Terroso & Lima Argimon, 2016).

O perigo do uso da internet por adolescentes é tema controverso. Há estudiosos que defendem que o uso excessivo da internet tem um aspecto negativo para o desenvolvimento de habilidades sociais do jovem, pois não consideram as interações virtuais como reais e que o adolescente acaba perdendo suas competências emocionais, necessárias à adaptação social, seja no campo virtual ou não virtual. De outro modo, há a linha de estudos que defende que se o jovem está se socializando, ainda que virtualmente, com pessoas ou institutos, seja em sites de bate papo, seja em plataforma de estudos, estes estão se comportando socialmente, pois a habilidades sociais correspondem a comportamentos que possibilitam a interação social (Jensen & Nutt, 2016; Terroso & Lima Argimon, 2016).

Desse modo, quando a mãe de FA relata sobre o seu medo das consequências advindas dos jogos online, riscos e perigos na vida de suas filhas, mas também reconhece os benefícios das interações digitais por parte de FA, está indo ao encontro do não consenso sobre a temática dos benefícios e riscos do uso da internet:

“[...]como eu moro um pouco distante, elas não têm muita gente pra conviver no dia a dia a não ser na escola. Então, elas passam a maioria do tempo no computador ou no

*celular, só que a FA, agora ela está, desde o início do ano, ela está estudando bastante por conta do Enem, para o vestibular também, então assim, **está nas redes sociais, na internet sim, mas já para questão de estudos.** Ai ela mantém o horário dela de estudo e depois ela vai para as séries, conversar com os amigos, mas a maioria do tempo é mexendo”.*(MA)

Não há consenso quanto à influência do uso da internet no desenvolvimento das habilidades sociais. A comunicação digital pode acarretar em déficit das habilidades sociais ou o déficit de habilidades sociais encaminha o adolescente a se relacionar virtualmente? O que é relevante nessa discussão é o fato de que as habilidades são de suma importância para o ajuste social do adolescente, sejam elas no campo virtual ou no face a face (Terroso & Lima Argimon, 2016).

Com base no entendimento de Jensen e Nutt (2016), Terroso e Lima Argimon (2016) e com o conteúdo analisado no presente trabalho, compreende-se que o uso massivo da internet pelos adolescentes pode funcionar como recurso de proteção à ansiedade daqueles que têm baixo repertório com as habilidades sociais. Contudo, aumenta o risco desse adolescente entrar em um ciclo vicioso, mergulhar no mundo digital como proteção das dificuldades em socializar-se face a face, ou ainda, passa a apresentar dificuldades em se socializar por estar usando a internet, excessivamente.

“Eu acho que nas redes sociais é mais fácil de você interagir com as outras pessoas porque você pode ser tanto de um jeito bom quanto de um jeito ruim, como por exemplo, você fazer discurso de ódio sobre as pessoas, porque você está na internet, você não..a pessoa provavelmente não vai saber quem você é, onde você mora, o que você faz da vida, então..Tem gente que acaba desfrutando disso, para realizar maus atos, más ações (FB)

O filho de MB, evidencia em sua fala a ideia de que as redes sociais podem proporcionar uma zona de conforto em razão da possibilidade do anonimato, dando ao

usuário a sensação de liberdade. Além disso, a comunicação digital pode proporcionar maior controle nas relações, no sentido de apresentar ao outro uma versão própria mais controlada. Isso porque as ferramentas possibilitam a edição em tempo real do que se vai comunicar ao outro, não só da escrita, mas também de seus pensamentos e imagem, levando-os a comunicar somente o que lhes é conveniente (Schiavi & Lorentz, 2016).

Influência da comunicação digital nas práticas educativas parentais

A educação dos filhos requer investimento parental, que consiste, basicamente, em uma educação de forma participativa e presente. (Weber, 2017). Diante das diversas mudanças que têm marcado a redefinição da família no contexto sociocultural brasileiro, tem emergido novas formas de compartilhamento dos papéis nas funções parentais. Por esse motivo, cada vez mais as relações parentais e a influência da comunicação digital nas relações familiares têm sido tema frequente em estudos da psicologia (Flach et al., 2012; Habigzang et al., 2014).

A comunicação no sistema familiar adolescente é comumente marcada pela emergência de embates entre pais e filhos. O desejo do adolescente em diferenciar-se das figuras parentais e construir sua própria identidade pode gerar esses embates. Compreender essa experiência de vida nem sempre é tarefa simples para todo o sistema familiar. De um lado os valores e crenças transmitido pela família, de outro lado o adolescente em busca da sua individuação. No que se refere à influência da comunicação digital na educação dos filhos, processo que envolve a transmissão de valores, crenças e costumes, é possível inferir que as duplas MA/FA e MB/FB vivenciam esse embate. De um lado, as mães buscando meios de orientar seus filhos e do outro, os filhos encontrando suas respostas no meio digital (Osório, 2009; Carter & McGoldrick, 1995).

Este tema surge fortemente na comunicação dos entrevistados, principalmente na fala

das mães. Nota-se que para elas a percepção é por um viés negativo, no que se refere à influência da comunicação digital na educação dos filhos: *[...]eu vejo que eles levam muito em consideração para a vida o que eles vêm na internet[...]acho que influencia muito, com certeza, a gente tem que trabalhar muito a cabeça dos jovens[...]*(MA). Com a mãe de FB não é diferente, essa tem a percepção de que o acesso à informação, por meio das redes sociais interfere fortemente em seu modo de educar o filho, *[...]é difícil, educar com as redes sociais falando o contrário, (faz gesto de rendição com as mãos) então assim, é você e o resto do mundo[...]*(MB). Subjacente à fala de MB, infere-se a sensação de impotência dessa mãe, ao dizer que é ela contra o resto do mundo; *[...]tenho que confiar nos valores e educação que passo para ele, é isso, não tem como."*(MB).

Quanto aos filhos, esses mostram em suas falas que têm percepção mais positiva da influência da comunicação digital no processo de educação no sistema familiar, no sentido de complementaridade de conhecimento. A cada informação recebida eles se beneficiam da internet para confirmar a veracidade ou formar sua própria concepção sobre determinada informação.

FA, em sua fala, transmite ter mais segurança quando consulta a internet na busca de respostas e auxílios para tomada de decisões. *[...]ela já me falou um monte de coisas sempre aceitei, mas eu também procurei saber mais né, então...costumo pesquisar na internet algum assunto."*(FA)

Já FB, quando pedido para falar um pouco sobre o que sente quando a mãe tenta lhes repassar algum conhecimento, valores, crenças, se mostra compreensivo com o fato de serem de gerações distintas, mas que discordam sim quando o assunto são valores:

“ Sim, às vezes eu discordo, isso já rolou mais no passado, onde eu não entendia o lado dela, só que ela, tipo, não entende muito mais o meu lado. Eu tento compreender o lado dela, só que tipo, não que seja culpa dela, não, é porque ela foi

criada de um jeito diferente do meu, mas a gente já discordou bastante sim sobre... qual o nome? (pensativo) esse negócio aí, que você falou, sobre valores.” (FB)

É preciso destacar que a maneira como pais/cuidadores educam seus filhos depende do contexto de cada família. Cada sistema familiar se desenvolve sob a influência da cultura em que está inserido, da classe sócio econômica e/ou da forma como aquele sistema está configurado. O sistema familiar é dinâmico e aberto, portanto as formas de educação são distintas e complexas. Cada família tem seus valores e expectativas em relação ao seu filhos e, o desafio está na forma como esses valores são transmitidos (Osório, 2009).

De modo geral, as mães A e B comunicam que as redes sociais têm sido dificultadores para esses ensinamentos, já os filhos percebem a internet e a comunicação digital como um canal eficiente de conhecimento. O desafio é encontrar o equilíbrio, para tanto é necessário que nesse estágio do ciclo vital familiar, a adolescência, as fronteiras sejam mais flexíveis. Osório (2009), fala sobre o “Ensinar e aprender contínuos”:

“Os pais podem aprender muitas coisas com seus filhos se estiverem atentos. É sempre uma aprendizagem de mão dupla: enquanto se aprende, ensina-se; enquanto se ensina, aprende-se. Os pais, certamente, precisam aprender tudo o que o filho precisa; se já sabem, podem aprimorar. Ao pensar dessa forma, muitas possibilidades de aprendizagem vão surgindo.” (Osório, 2009, p.267)

[...]Ela disse "seu pensamento é antigo mãe, não é mais assim você tem que se modernizar e tal"[...](MA)

[...] mas no meu tempo não era assim as crianças na idade de vocês não fazia esse tipo de... ah mais no seu tempo, hoje na internet o que rola é isso, a moda é isso[...](MA)

Ao analisarmos essas falas das mães, pode-se inferir que há um confronto entre o saber dos pais e a transmissão desse saber e a receptividade dos filhos. Já os filhos,

confirmam que compreendem seus pais, mas sentem-se autônomos quando o assunto é conhecimentos e construção de valores próprios.

*[...]Eu acho que é mais **difícil porque tudo que a gente fala hoje, ah! que tem que ser assim, assim assado ah! mas eu vi na internet dessa forma, mãe[...](MA)***, a mãe de FA se refere à filha, que diante de um conselho ou de determinado ensinamento traz seu ponto de vista e contesta à mãe, na maioria das vezes; a filha alega ter consultado à internet e repassa para mãe outro viés do assunto em que ambas estão debatendo. Infere-se da fala de MA, um incômodo no fato da filha constantemente questionar seus ensinamentos.

A adolescência é compreendida como sendo um período de desenvolvimento biopsicossocial que envolve mudanças nos laços socioculturais, não se restringindo apenas às mudanças físicas. É um período marcado pela “intensa exploração e múltiplas oportunidades” que dependendo dos diferentes contextos socioculturais, serão oportunidades e explorações diferentes, é possível observar essa constatação nas falas dos participantes, principalmente dos filhos (Senna & Dessen, 2012, p.1; Lordello , 2019)

Esse aparente conflito nas práticas educativas parentais, pode ser atribuído, dentre vários fenômenos, à influência dos meios de comunicação modernos, ao uso massivo da internet, onde de um lado temos os nativos digitais, que utilizam os recursos tecnológicos de comunicação digital de forma natural, inerente ao seu tempo, sem necessidade de adaptações. De outro temos os pais, gerações anteriores, os imigrantes digitais que diferente de seus filhos, utilizam os recursos, mas sem tanto domínio técnico (Prensky, 2001).

E assim, o sistema familiar com adolescentes vive o desafio de adaptação e assimilação dos recursos tecnológicos de comunicação digital na rotina diária, nas práticas educativas parentais, nas relações intra e extra sistema familiar. O chamado mundo virtual, está presente no cotidiano, alterando as formas de se relacionar e de ensinar (Prensky, 2001;

Neuman & Missel, 2019).

Apesar do macrosistema ser um contexto mais distante do indivíduo, é a partir desse nível que os demais sistemas (micro, meso e exossistema) são influenciados. É no macrosistema que se incorporam costumes, padrões, leis e crenças de uma sociedade. No caso das mudanças do contexto social contemporâneo envolvendo os participantes do presente trabalho de conclusão, se refere às novas formas de comunicação e de acesso às informações, trata-se fenômenos sociais em nível macro impactando, também, o microsistema, especificamente o microsistema familiar. Essas mudanças influenciam nas formas em que os pais educam seus filhos, na forma que os filhos se instruem e constroem suas crenças e valores (Bronfenbrenner, 2005).

A família adolescente passa por adaptações em sua estrutura e organização, para que seja possível o manejo de aspectos inerentes a esse estágio do ciclo vital do desenvolvimento humano. A família então, passa de um contexto de proteção e suprimento das necessidades básicas e subsistência da criança, para se tornar uma unidade de preparação para a assunção de tarefas e responsabilidades sociais inerentes ao adulto. Essa adaptação provoca mudança não somente no adolescente que passa pelo processo de maturação física, mas também impacta nos pais que, normalmente estão na meia idade e vivenciando experiências próprias do período (Carter & McGoldrick, 1995).

Por fim, ocorre que, conforme o tema do presente trabalho, essas mudanças têm ocorrido em um contexto social mais amplo e mais complexo, de mudanças aceleradas se comparadas às gerações anteriores, a dos avós desses pais. Logo, imersa a uma sociedade amplamente tecnológica, onde as relações e comunicações são mediadas por recursos digitais, a família passa a “depende de sistemas externos para ensinar seus filhos, para estabelecer limites e encontrar empregos para eles.” A família que antes tinha como principal tarefa ofertar conhecimentos e treinamentos práticos para os filhos, a fim de auxiliá-los na

entrada da vida adulta, agora, em tempos digitais, enfrenta o desafio que segundo Carter e McGoldrick (1995) é o de “proporcionar-lhes as capacidades psicológicas que os ajudarão a diferenciar-se e a sobreviver num mundo que muda cada vez mais rapidamente.”(Carter & McGoldrick, 1995, p. 223)

Mapeamento dos possíveis aspectos positivos e negativos da comunicação digital na relação parental

Um dos objetivos do presente trabalho foi o de mapear possíveis aspectos positivos e negativos da comunicação digital na relação parental entre adolescentes e seus cuidadores principais. Ressaltando que o que determinou o caráter negativo ou positivo desse mapeamento foi a percepção dos próprios participantes da pesquisa. É a partir da percepção que os participantes têm sobre a influência da comunicação digital na relação parental de seu microssistema familiar.

| Aspectos Positivos | Aspectos Negativos |
|--------------------------------------|---------------------------------|
| Aproximação entre pessoas e sistemas | Distanciamento físico e afetivo |
| Acesso amplo a informações | Insegurança/riscos |

O distanciamento foi um aspecto apontado como negativo, segundo a percepção de ambas as duplas, MA e FA, MB e FB. Tanto mães como filhos percebem que o fato de permanecerem muito tempo conectados em seus celulares, resulta em um afastamento entre eles.

Paradoxalmente, os participantes compreendem que a comunicação digital influencia negativamente em suas relações, no que se refere ao distanciamento, tanto físico como

afetivo. E de forma positiva quando os aproxima, seja por meio do diálogo virtual, seja pelos momentos de interações em aplicativos diversos. Percebem ainda como positivo o acesso amplo à informação e de modo negativo, os riscos inerentes ao uso da internet pelos adolescentes, essa última é uma percepção das mães.

Sobre possíveis aspectos negativos percebidos pelos participantes com presença da comunicação digital na relação parental, as mães dizem:

“De negativo, às vezes quando eu quero falar alguma coisa, conversar e às vezes eu chego ela está naquele joguinho dela e ninguém pode falar nada que fica nervosa, isso já me deixa bastante chateada, quando eu quero a atenção dela, quando preciso falar alguma coisa e ela não quer parar o que está fazendo para me dar atenção.”

(MA)

“Antes tinha a televisão, a televisão estava ali, todo mundo vendo junto era compartilhado, é... a gente também está se distanciando deles né...” **(MB)**

Sua filha, FA, se queixa da mesma dificuldade ao tentar conversar com a mãe. FA percebe que não consegue ter uma relação mais próxima da mãe, percebe que a relação está distante em função do uso excessivo da tecnologia:

“É que a gente quase não se fala muito né, fica só no celular e tem vez também que ela me manda mensagem pelo WhatsApp mesmo ela estando em casa, risos. Eu fico pensando “porque ela não vem aqui no quarto falar comigo?” porque não vem aqui no quarto sabe? O que percebo é distanciamento, não nos falamos muito em função da tecnologia. A gente já foi de se falar bastante, mas também eu acho que o que piorou isso foi a pandemia né que acabou que todo mundo ficou mais no celular.” **(FA)**

Para o filho o que foi trazido como negativo no que se refere ao distanciamento, foi o fato de que por uma questão de comodidade, ele utiliza as redes sociais para se comunicar com a mãe ainda que estejam no mesmo ambiente físico, em casa, *“Converso com minha mãe*

por mensagens, dentro de casa, coisas bobas, por preguiça mesmo (risos), por exemplo, quando eu vou pedir pra ela pegar água pra mim, eu tô no quarto. Ela está na cozinha, coisas assim... ” (FB)

Infere-se que não se trata apenas de um distanciamento físico, mas também e, principalmente, de distanciamento afetivo. Quando a FA relata “*A gente já foi de se falar bastante[...], entende-se que a presença do diálogo entre elas está escasso. FA também percebe que a ausência da afetividade entre elas é algo latente. [...] isso já me deixa bastante chateada, quando eu quero a atenção dela, quando preciso falar alguma coisa e ela não quer parar o que está fazendo para me dar atenção.*” (MA), se a mãe de FA se queixa de falta de atenção da filha, FA reclama por um contato mais próximo, “[...] *ela me manda mensagem pelo WhatsApp mesmo ela estando em casa[...]* Eu fico pensando porque ela não vem aqui no quarto falar comigo?”. Nota-se que a mãe se sente "chateada" (sic) com a desatenção da filha e a filha se sente frustrada com o fato da mãe não dialogar pessoalmente quando está em casa.

Nesse sentido, Eisenstein (2006), Neumann e Missel (2019), Senna e Dessen (2012), concordam que, para o desenvolvimento saudável da família adolescente, é desejável que os jovens encontrem espaço e oportunidades para a busca de sua autonomia, para a construção de sua identidade e da realização profissional. O convívio que antes exigia uma presença física, mais aproximada, por questão de atendimento das necessidades e cuidados básicos requeridos por uma criança, já não é tão presente nessa fase da adolescência. Nesta fase do desenvolvimento, a necessidade que emerge é muito mais na ordem de suporte emocional e afetivo, de fortalecimento para enfrentamento das possíveis intempéries no processo de adolecer, necessários à assunção das responsabilidades e acontecimentos inerentes ao estágio adulto (Eisenstein & Estefenon, 2006; Neumann & Missel 2019).

Paradoxalmente, mães e filhos concordam que as redes sociais de comunicação digital os distanciam, mas também os aproximam. A percepção dos participantes sobre a

influência da comunicação digital em suas relações familiares vai ao encontro do que Wagner et al., 2010 abordam:

“[...] a tecnologia gera aproximação através do compartilhamento da informação. Com o uso das tecnologias é frequente ver os mais novos ensinando os mais velhos a utilizar os recursos do mundo digital, possibilitando o encontro das gerações e nesta oportunidade de aprendizagem conjunta, acontece o fortalecimento dos laços afetivos” (Wagner et al., 2010 citado por Neuman & Missel, 2019, p.84)

Considerações Finais

Este estudo conduziu a análise do conteúdo, com o intuito de compreender a influência da comunicação digital nas relações parentais, bem como, buscando mapear aspectos positivos e negativos da comunicação digital nas interações entre pais e filhos adolescentes.

A comunicação digital tem se tornado o meio de comunicação dominante nas famílias. O uso de recursos tecnológicos de comunicação digital é comum às diferentes gerações do sistema familiar. Nativos e imigrantes digitais utilizam as redes sociais para conectarem-se, inter e intra sistemas. A ressalva que se faz é de que a experiência é individual, a forma como um membro é afetado, influência direta e indiretamente na experiência de vida do outro membro. Daí a importância em buscar compreender os padrões de funcionamento do sistema familiar, para então compreender o indivíduo.

Os resultados desta pesquisa mostram que adolescentes e pais apresentaram tempo de conexão digital similar entre eles. Mães e filhos concordam estarem conectados de forma excessiva. Nesse sentido, sob a influência da comunicação digital, evidenciou-se padrões de funcionamento no sistema familiar dos entrevistados que foram caracterizados, pelos próprios, como sendo positivos e negativos. O distanciamento e a insegurança, emergiram como aspectos negativos, destacando que a categoria insegurança foi evidenciada pelas mães, já os filhos sentem-se seguros quanto ao uso da internet.

Paradoxalmente, os mesmos participantes que atribuem o distanciamento à influência da comunicação digital, também percebem que de forma positiva, aproxima as pessoas, possibilitando o diálogo com quem está geograficamente distante, dando-lhes a sensação de estar acompanhado em tempo integral. No caso dos adolescentes, o padrão percebido é o de que preferem se comunicar de forma remota pelas redes sociais, sentem-se mais confortáveis dessa maneira. Ainda, de um lado as mães sentem a interferência de forma negativa das

TDIC's nas práticas educativas com seus filhos, do outro, os filhos têm os recursos digitais como seus aliados na obtenção de conhecimento e construção de seus próprios valores e crenças. Mães e filhos reconhecem que a comunicação digital está presente, mediando suas relações e que a falta de controle do tempo de conexão pode trazer-lhes prejuízos nas relações interpessoais.

Diante dessas influências percebidas pelos participantes, seja por um viés negativo, seja pelo viés positivo do uso das TDIC's, cabe ressaltar que a psicologia sistêmica não se ocupa dos porquês dos comportamentos, tampouco avalia linearmente e de forma simples o que é complexo. À psicologia, em uma perspectiva sistêmica, cabe compreender o que tem sido alterado e identificar que padrão de funcionamento está operando em determinado sistema (Osório, 2009).

A importância dessa compreensão não está em classificar o uso dos recursos de comunicação digital em certo ou errado ou de buscar respostas, mas sim em identificar e avaliar os padrões relacionais que estão ocorrendo, a fim de que com o auxílio da psicologia, cuidadores principais, educadores e profissionais da saúde possam encontrar novas alternativas de funcionamento e mudanças, quando e se necessários, nesse cenário digital (Osório, 2009).

Como sugestão para próximos estudos, salienta-se a necessidade de um estudo comparativo com grupos de classes socioeconômicas distintas, a fim de compreender como a comunicação digital impacta ou influencia as relações de sistemas familiares das diversas classes sociais. Para se ter a compreensão da influência de um fenômeno social nas famílias é preciso respeitar as particularidades de cada grupo social. Para este trabalho de conclusão de curso, não havia tempo hábil para uma pesquisa mais ampla, com uma amostra maior.

Referências Bibliográficas

- Alcântara Mendes, J. A., Lordello, S. R., & Ormerod, T. (2020). Uma Proposta de Compreensão Bioecológica do Princípio dos Melhores. In *Perspectiva Sistêmica e Práticas em Psicologia - Temas e campos de atuação* (pp. 53-78). CRV. 10.24824/978854443887.9
- Alcântara Mendes, J. A., & Nobre Ferro Bucher-Maluschke, J. S. (2020). *Perspectiva Sistêmica e Práticas em Psicologia*. CRV. 10.24824/978854443887.9
- Araújo, E. M., & Figueiredo, P. P. V. (n.d.). Vulnerabilidade das crianças e adolescentes no uso das redes sociais e a mediação parental. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(4), 1-20. http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/issue/view/145
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo* (1ª ed.). Almedina Brasil. ISBN 978-85-62938-04-7
- Bock, A. M. B. (2010). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. 10.1590/S1413-85572007000100007
- Bouzas, I., & Jannuzzi, F. (2017, Abr/Jun). Suicídio. *adolescência & Saúde*, 14(2), 7.
- Bozza, T. C. L. (2021). Adolescentes e interações on-line: uma proposta de intervenção educativa visando a convivência ética virtual. *Repositório da produção científica e intelectual da UNICAMP*, 1-349. <http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1164438?guid=1635875651728&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1635875651728%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1164438%231164438&i=1>.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making humans beings human*. London: Sage

- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar* (2ª ed.). Artmed.
- Castells, Manuel; Cardoso, Gustavo (Orgs.). *A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política*; Conferência. Belém (Por) : Imprensa Nacional, 2006.
- Cavalcante, L. A. d. C. C. (2020). Crimes Sexuais Contra Crianças e Adolescentes praticados através da internet. *Research, Society and Development*, 9(1).
<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1816>
- Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012 [citado 2014 Mar 11]. Disponível em:
http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html Acesso em 26 jun. 2021.
- Costa, L. F. (2010). A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(especial), 95-104. 10.1590/S0102-37722010000500008
- Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020, Jun). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(1), 2479-2486.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>
- Eisenstein, E., (2005, Abr/Jun). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*, 2(2), 6-7.
- Fiorini, M. C., & Guisso, L. (2016). Teoria Familiar Sistêmica Familiar: Retrospectiva Histórica e Perspectivas Atuais. *Psicologia.pt - O portal dos psicólogos*.
<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1009.pdf>
- Flach, K., Lobo, B. O. M., & Potter, J. R. (2012). As práticas educativas na família e a importância da presença parental. *Psicologia.PT*.
<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0276.pdf>

- Fundo das Nações Unidas para a Infância. (2019). UNICEF Para cada criança. Retrieved Maio, 2021, <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/experiencia-virtual-do-unicef-e-facebook-sobre-sexting-e-violencia-online>
- Gomes Campos, C. J. (2009, Fev 27). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. In *Revista Brasileira de Enfermagem* [Revista]. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- Habigzang, L. F., Diniz, E., & Koller, S. H. (2014). *Trabalhando com adolescentes* (1ª ed.). Artmed.Macedo
- Jensen, F. E., & Nutt, A. E. (2016). *O cérebro adolescente: Guia de sobrevivência para criar adolescentes e jovens adultos*. Editora Intrínseca.
- Leitão, C. F. & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Impactos da Internet Sobre Pacientes: a visão de psicoterapeutas. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 441-450. <https://www.scielo.br/j/pe/a/RrC7TLXBtGnzw3gsKX5dJFQ/?format=pdf>
- Lima, R. F. (2014, October 4). Crimes sexuais contra a criança e o adolescente na internet - Jus.com.br. *Jus Navigandi*. <https://jus.com.br/artigos/32517/crimes-sexuais-contr-a-crianca-e-o-adolescente>
- Lordello, S. R. (2019). Family Therapy: When the Adolescents' Discourse is the Principal Resource, Family Therapy. In *Terapia Familiar - Novos Programas de Intervenção e Pesquisas* (p. 10). IntechOpen. 10.5772/intechopen.86366
- Luiz Fermann, I., Ledur, B., Ribeiro Beneton, E., Schmitt, M., Goulart Chaves, J. & Andretta, I. (2021). Uso de internet e mídias sociais por estudantes universitários: um campo de estudo emergencial. *Ciências Psicológicas*, 15(1), e-2389. doi:

<https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2389> - Ciências Psicológicas janeiro-junho 2021;
15(1): e-2389

- Macedo, R. M. (2013, jul 26). A Família do Ponto de Vista Psicológico. *Cadernos de Pesquisa*, 91(1ª), 62-68. <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/issue/view/66>
- Manual de Orientação Departamento de Adolescência. (2016, Outubro). *Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital*. Sociedade Brasileira de Pediatria. Retrieved maio, 2021, https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf
- Minayo, M. C. d. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2009). *Pesquisa Social* (28º ed.). Vozes.
- Ministério da Justiça Brasil. (2015). *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)* (4ª ed.).
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo* (1ª ed.). Almedina Brasil. ISBN 978-85-62938-04-7
- Minuchin, S., Nichols, M. P., & lee, w. (2009). *Famílias e casais*. Artmed. ISBN 978-85-363-1925-4
- Mirabella, A. M. (2013). Afetividade na Adolescência. In *A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais* (p. 20). Summus.
- Moreira, C. (2014). Membrana celular. *Revista de Ciência Elementar*, 2(2).
- Mühlen, M. C. V., & Câmara, S. G. (2021, jan/jun 0). *Revisão narrativa sobre a automutilação não suicida entre adolescentes*. Aletheia. Retrieved Maio 01, 2021, from <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/6644/4113>
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. (2019). Família Digital: A Influência da Tecnologia nas Relações Entre Pais e Filhos Adolescentes. *Pensando Famílias*, 23(1ª), 75-91. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n2/v23n2a07.pdf>
- Nichols, M. P., & Schwartz, R.C. (2011). *Terapia Familiar*. Grupo A. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788536309422>

- Oliveira, Eloiza Silva Gomes (2017) *Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação*. *Educar em Revista* [online]., v. 00, n. 64 [Acessado 20 Maio 2022] , pp. 283-298. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.47048>>. ISSN 0104-4060. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47048>.
- Oliveira Cerveney, C. M., & Esper Berthoud, C. M. (2009). Ciclo Vital da Família brasileira. In *Manual de terapia familiar* (1ª ed., pp. 26-37). Artmed.
- Organização das Nações Unidas - Brasil. (2015). *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nações Unidas no Brasil. Retrieved Abril, 2021, from <https://brasil.un.org/pt-br/search?key=agenda+2030>
- Organização das Nações Unidas - Brasil. (2020, Dezembro). *RELATÓRIO DE PROGRESSO 2019*. Nações Unidas no Brasil. Retrieved Abril, 2021, from <https://brasil.un.org/pt-br>
- Osório, L. C., & Pascual do Valle, M. E. (2009). *Manual de Terapia Familiar* (1ª ed.). artmed.
- PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Desenvolvimento Contínuo. *Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019* - <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnadcontinua.html?edicao=30362> acesso em 18mai2021
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento Humano* (8ª ed.). Artmed.
- Papalia, D. E.; Feldman, R. D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Ed- AMGH, 2013. p. 36-42.
- Prensky, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, Bradford, v. 9, n. 5, p. 2-6, out. 2001.
- Preto, N. G. (1995). Transformação do sistema familiar na adolescência. In *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar* (2ª ed., p. 26). Artmed.

- Schiavi, A., & Lorentz, M. (2016). Sites de Redes Sociais na Contemporaneidade: Percepções dos Usuários Sobre Emoções, Vivências e Relações. *Revista de Psicologia da IMED*, 8(2), 133-141. 10.18256/2175-5027
- Secretaria de Saúde de Brasília. (2020, Fevereiro 21). *Adolescento, um espaço de acolhimento e orientação*. Agência de Brasília. Retrieved Abril, 2021, from <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/02/21/adolescento-um-espaco-de-acolhimento-e-orientacao/>
- Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2012, Abril 16). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101-108. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013>
- Senne, F. (2021, Julho 23). Internet na pandemia COVID-19: dinâmicas de digitalização e efeitos das desigualdade [Para além da conectividade: Internet para todas as pessoas]. In *Panorama Setorial da Internet* (2nd ed.). Cetic.br. Retrieved setembro, 2021, from <https://cetic.br/pt/publicacao/ano-xiii-n-2-para-alem-da-conectividade-internet-para-todas-as-pessoas/>
- Silva, J. R. P. (2021, 11 12). A Ciberpedofilia e o isolamento Social: A Influência do meio digital predominantemente nos crimes cibernéticos. *SEMPESQ - semana de Pesquisa da Unit - Alagoas*, 9. https://eventos.set.edu.br/al_sempesq/article/view/15080
- Steinberg, L. (2015). Lessons from the New Science of Adolescence. In *Age of Opportunity* (p. 272). Hardcover. 10.1007/s10964-015-0277-1
- Terroso, L. B., & Lima Argimon, I. I. (2016). Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(1), 200-219. versão On-line http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000100012&lng=pt&tlng=pt.

- Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. P. d., & Silveira, P. G. (2005). Estratégias de Comunicação Familiar: A Perspectiva dos Filhos Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 277-282. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200016>
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M. B. d. O., & Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 75-80. [10.1590/S1413-73722002000100010](https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100010)
- Zappe, J. G., & Dell'Aglio, D. D. (2016, Maio 12). Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico*, 47(2), 99-110. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494>

Apêndices

Anexo 1

Roteiro de Entrevista semiestruturada

Questionário Sociodemográfico

Idade:

Sexo:

Ocupação:

Escolaridade:

Tecnologia mais utilizada no domicílio:

Roteiro de entrevista

Perguntas somente para a(o) cuidadora (a) principal:

- a) Em média, qual a frequência de conexão do seu filho com as plataformas digitais (Facebook, Whatsapp, Youtube, etc)? Faça uma comparação entre o tempo de conexão com as tecnologias e o tempo que passa com a família.
- b) Considere os momentos em que você está conectado às redes sociais, me fale qual o seu nível de alerta com o que está acontecendo ao seu redor.
- c) Com que frequência seu filho fica sozinho conectado ao computador, celular, tablet?
- d) Com quem você mais conversa nas redes?
- e) Quem você pensa que te entende melhor?
- f) Como é seu relacionamento com cada membro de sua família?
- g) Aspectos positivos e negativos da tecnologia na relação entre pais e filhos?
- h) Como a tecnologia é administrada na família?

Perguntas somente para a(o) adolescentes:

- a) Em média, qual a frequência de conexão dos seus pais com as plataformas digitais (Facebook, Whatsapp, Youtube, etc)? Faça uma comparação entre o tempo de conexão com as tecnologias e o tempo que passa com a família.

- b) Considere os momentos em que você está conectado às redes sociais, me fale qual o seu nível de alerta com o que está acontecendo ao seu redor.
- c) Com que frequência seus pais ficam sozinhos conectados ao computador, celular, tablet?
- d) Com quem você mais conversa nas redes?
- e) Quem você pensa que te entende melhor?
- f) Como é seu relacionamento com cada membro de sua família?
- g) Aspectos positivos e negativos da tecnologia na relação entre pais e filhos?
- h) Como a tecnologia é administrada na família?
- i) Qual a sua percepção da influência da tecnologia entre vocês?
- i) Qual a percepção da sua mãe quanto a influência da tecnologia entre vocês?

Questões norteadoras para a pesquisadora

- a) Aspectos positivos e negativos da tecnologia na relação entre pais e filhos?
- b) Como a tecnologia é administrada na família?
- c) Qual a sua percepção da influência da tecnologia entre vocês?
- d) Qual a percepção da sua mãe quanto a influência da tecnologia entre vocês?

Fontes das Questões norteadoras (Neuman e Missel, (2019)

Anexo 2

Categorias/Unidade de Registro - UR

 Mediador da Comunicação (MD)

[...]quando preciso de ajuda em alguma coisa, ela normalmente **consegue** desenrolar e **me ajudar**."(MA)

[...]**mesmo ausente ele está super presente** comigo, entendeu? [...](MB)

[...]como eu moro um pouco distante, elas **não tem muita gente pra conviver** no dia a dia a não ser na escola[...]**elas passam a maioria do tempo no computador ou no celular**" (MA)

[...]se não tivesse as redes sociais a gente **ia conversar o quê? Por carta?**"(FB)

[...]ontem que ela estava aprendendo as **dancinhas do tic toc, aí foi junto comigo e com a minha irmã**, então **foi um pouco mais divertido**[...] (FA)

"**No Instagram a gente conversa muito**, manda post um para o outro. Aí com com os **familiares também** [...](FB)

"Eu passo o dia inteiro falando com ele, com o meu filho, a gente passa o dia inteiro mandando meme um para o outro."(MB)

"Eu acho que **nas redes sociais é mais fácil de você interagir** com as outras pessoas[...](FB)

"Prefiro Conversar por mensagem do que pessoalmente. porque Sei lá, eu me sinto mais Mais, mais leve, sabe?"(FB)

[...]é com ele mesmo e com clientes, mais com clientes do que com amigos."(MB)

[...]amigos e primos[...]"(FA)

[...]**Eu falo bastante** com 2 amigos[...](FB)

[...]quando é uma coisa mais séria assim eu falo com a minha mãe." (FA)

"**Meus pais [...]** e **minha prima**."(FB)

 Tempo de Conexão (TC)

"Ela fica **mais tempo**, mais **nas redes sociais**[...] (MA)

"**24 horas**. Ele passa **conectado** com o mundo virtual, eu diria 24 horas." (MB)

O dia todo. Fica **mais tempo** com a tecnologia[...](FA)

[...]na maioria dos dias, hum... fica **mais no celular** mesmo[...](FB)

[...]ela mantém o horário dela de estudo e depois ela vai para as séries, conversar com os amigos, mas **a maioria do tempo é mexendo**[...] (MA)

"Não tem...como é que faz? **como é que limita?**[...] (MB)

[...] **não tem como** desligar [...](MB)

"Não, não tem nenhum **controle não**, só quando está mais de noite mesmo que minha mãe já pede para a gente ir dormir (FA)

"[...]**Eles ficam a maior parte do tempo do dia conectados**[...] não, **não tem controle**[...](FB)

[...]agora ela está, desde o início do ano, ela está **estudando bastante** por conta do Enem, para

o vestibular também, então assim, **está nas redes sociais**, na internet sim, mas já para questão de estudos.[...](MA)

"[...]muito tempo do dia conectado, **não tem como desconectar** hoje, **nem a gente desconecta**[...](MB)

[...]de vez em quando **tem que dá uma cortada**, à noite principalmente às vezes quer ficar até muito mais tarde[...] (MA)

[...] minha mãe não deixava eu jogar porque eu tava em semana de prova, aí eu estava vendo um vídeo no YouTube dos canais que eu gostava, e aí eu abri o Minecraft sem querer[...] aí ela chegou em casa e viu que o Minecraft estava aberto e **ela pegou meu computador e meu mouse**, eu tipo, não deu nem, **não deu para eu me explicar sabe?**[...](FB)

Distanciamento

[...]as pessoas **deixam de conversar pessoalmente** para conversar por WhatsApp[...] (MA)

[...]a **família não tem muito mais aquele tempo juntos** em família porque a tecnologia atrapalha muito, fica cada um no seu canto no seu celular[...] MA

“às vezes chego em casa do serviço cansada e vou mexendo na internet, vou ficando e vou deixando, vai passando entendeu?” MA

[...] Eu **me fecho aqui no quarto**, o dia inteiro, ainda mais agora que estou em home office, pessoalmente, é bem distante.". (MB)

[...]quando preciso falar alguma coisa e ela **não quer parar o que está fazendo para me dar atenção** [...]eu chego, **ela está naquele joguinho** dela e **ninguém pode falar nada que fica nervosa**, isso já me deixa bastante chateada[...] (MA)

[...] a gente **também está se distanciando deles** né[...] (MB)

[...]ela me manda **mensagem pelo WhatsApp mesmo ela estando em casa** (risos) [...]

“porque ela não vem aqui no quarto falar comigo?[...] FA)

Distanciamento, não nos falamos muito em função da tecnologia[...] (FA)

"Sim o **distanciamento**, ela vive me falando que eu **fico muito no quarto**[...](FA)

[...]a gente **quase não se fala muito**, muito né, **fica só no celular**[...](FA)

(Sobre o esposo) [...]a **gente quer conversar** e a pessoa está no celular e **não quer dar atenção**.[...] (sobre a filha) [...] acho que **distanciou né?**(MA)

"[...]acho que **todo dia a gente acaba conversando um pouco mas não é tanto**, toda hora é mais tempo no celular do que conversando(FA)

Insegurança

[...]a falta de acesso, que **eu não sei** com quem ele...**do que que ele está ali se alimentando**, eu não sei mesmo[...] (MB)

[...]isso é **angustiante** e é **privado**, é coisa dele né, ele **não me dá acesso** a isso então é muito ruim **eu não sei com quem ele fala. Tipo, Pedófilo.**” (MB)

“Eu acho que a **privacidade** tem que ter, **é eu tenho que acreditar no que ele me fala**

óbvio.[...]" (MB)

"Eles não têm muito esse limite, então eu sempre falo para ele **"cara tem muita gente que se passa por outra pessoa**[...] (MB)

[...]porque eles **ficam melhores amigos sem conhecer mesmo**, entendeu?[...](MB)

"Eu **morro de medo**, eu morro de medo e **ele morre de medo de eu ver e o telefone dele**, deve ser muita coisa feia lá"(MB)

[...] **é normal também, de pai ficar preocupado** com o que o filho está fazendo na internet,[...] isso acontece com a minha mãe, **só que é tipo, é meio exagerado** (FB)

[...]Elas jogam, um jogo Free Fire [...] **Não gosto muito não**, eu acho primeiramente que **esses jogos são muito violentos** esses negócio de **tiro de matar** de não sei o quê?(MA)

[...]estou conversando com a pessoa, aí ela (mãe) vai lá olhar o que eu estou fazendo. E aí **ela fica com medo**, medo entre aspas! Eu **não sei explicar se é medo ou o que que é de, sei lá, se é um pedófilo ou algum estranho que vai me fazer algum mal.**"(FB)

[...] **a internet ela tanto pode** ajudar né, **servir como aprendizado para alguma coisa boa, como pode fazer um adolescente se transformar e até se matar** né a gente cansa de ver adolescente suicidando por conta de... dessas coisas que veêm na internet[...](MA)

Influência da TDIC na Educação/Transmissão de valores

[...]tenho que confiar nos valores e educação que passo para ele, é isso, não tem como."(MB) (insegurança?)

[...]eu vejo que eles levam muito em consideração para a vida **o que eles vêm na internet**[...](MA)

[...]acho que **influencia muito**, com certeza, **a gente tem que trabalhar muito a cabeça dos jovens**[...](MA)

[...]Eu acho que é mais **difícil porque tudo que a gente fala hoje**, ah! que tem que ser assim assim assado **ah! mas eu vi na internet dessa forma**, mãe[...](MA)

[...]ele pode estar com com ódio, com raiva, **não quer aceitar o que eu estou falando, mas ele aceita, porque eu sou a mãe dele**, ele tem 16 anos e não decide naaadaaaa, não paga uma conta, não decide nada e acabou.[...] **os valores a gente tem que passar não é?"**(MB)

[...]ela já me falou um monte de coisas sempre aceitei, mas eu também procurei saber mais né, então...**costumo pesquisar na internet algum assunto.**"(FA)

"Eu tento compreender o lado dela, só que tipo, não que seja culpa dela, não, é porque ela foi criada de um jeito diferente do meu, mas **a gente já discordou bastante sobre [...]** valores.(FB)

[...]Ele disse "seu **pensamento é antigo** mãe não é mais assim **você tem que se modernizar e tal**"[...](MA)

[...] **mas no meu tempo não era assim** as crianças na idade de vocês não fazia esse tipo de... ah mais no seu tempo, **hoje na internet o que rola é isso a moda é isso**[...](MA)

[...]é difícil, educar com as redes sociais falando o contrário, **(faz gesto de rendição com as mãos) então assim, é você e o resto do mundo...**[...](MB)